

Pauta: Situação no Rincão (Belém Velho) – drenagem e esgoto; condições e manutenção das vias públicas; problemas no atendimento pelo transporte público

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): (10h17min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião Comissão de Urbanização, Transportes e Habitação – CUTHAB. Hoje, com a pauta: as demandas da comunidade do Rincão, Extremo-Sul de Porto Alegre, para tanto, a gente fez alguns convites, desde a comunidade, para estarem aqui trazendo e retomando algumas pautas históricas, e, aí, de imediato, eu quero chamar para compor a mesa a Dinara, a Raquel, a Dona Regina e a Gorete para compor aqui a Mesa conosco; e das representações do DMAE, nós convidamos e tivemos a confirmação do Ricardo Araújo e do Vladimir da Silva que, se estiverem presentes, convido também para comporem a Mesa; da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, o Vitorino também confirmou presença, não estou vendo o Vitorino, é você Dalton, pode compor então aqui conosco; da Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura, o engenheiro Rogério Baú que já está aqui conosco compondo; e da pauta do transporte, o Flávio Tumelero, por gentileza, Flávio, pela Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana e também pela Empresa Pública de Transporte e Circulação, por gentileza engenheiro Tumelero, pode sentar aqui conosco.

A reunião da nossa comissão é composta pelo Ver. Pablo, essa pauta foi construída junto à Ver.^a Fran Rodrigues e os demais componentes da nossa comissão, o Marcelo Sgarbossa, o Moisés Maluco do Bem, a Fernanda Barth e o Jessé Sangalli, eu acredito que, no decorrer da comissão, vão se apresentando, porque é importante a gente conseguir minimamente dar um quórum para toda essa discussão que vai ser feita, independentemente do quórum ou não, é de praxe desta comissão fazer a reunião, ter as notas taquigráficas, utilizar desse espaço enquanto espaço político, mesmo de escuta, até porque a comunidade se mobilizou de longe né, para vir até aqui a Câmara de Vereadores, a gente sabe que o horário é um horário de trabalho, é difícil de mobilizar a comunidade para estar aqui presente. Então é muito desrespeitoso a gente não fazer essa reunião por falta de quórum.

Importante também colocar que, pela nova normativa da Câmara, aprovada pela Mesa Diretora, se não tem quórum, a gente não tem a transmissão ao vivo da reunião na TVCâmara, que também é algo muito infeliz por parte da Mesa Diretora, porque inviabiliza de a gente dar visibilidade, independente ou não da presença dos vereadores, dar visibilidade para os temas que são discutido dentro das comissões; a falta de compromisso dos vereadores é outro assunto e que de nada deveria impactar o trabalho que está sendo executado dentro de cada comissão. Cada comissão se reúne nas terças-feiras, três de manhã, três de tarde, e a população precisa ficar a par daquilo que a gente está discutindo, e por isso a TVCâmara faz esse rodízio, e, infelizmente, por causa dessa resolução da Mesa Diretora, a gente não consegue dar visibilidade quando há aí um grupo de quatro vereadores que se ausentam e não dão quórum.

Agradecer a presença do Ver. Pablo por estar compondo aqui conosco esse espaço, e vamos esperar aí que os demais vereadores da comissão se façam presentes. Dito isso, a pauta hoje é para tratar, e aí já vamos né mapeando assim algumas das questões, mas acho que principalmente trazer aí, em primeira pessoa, pela comunidade que está enfrentando esses desafios, as questões históricas do Arroio do Salso, da comunidade do Rincão, assim como a gente fez o exercício na Ponta Grossa né, de fazer o mapeamento das demandas, quais os projetos que estão em tramitação, os prazos, os cronogramas, os contratos para contratação, as possibilidades de remanejamento dos moradores. A gente quer fazer esse mesmo exercício com a comunidade do Rincão, que também é atravessada pelo Arroio do Salso, também é impactada pelas cheias e os transbordamentos desses arroios, é uma comunidade que sofre com a falta de infraestrutura básica, de drenagem, de esgoto, de asfaltamento, de patrolagem, e isso desde antes a pandemia também vem impactando, Tumelero, a possibilidade de viabilizar os ônibus, desde os alimentadores, e aí, o A84 e o A86, nós chegamos a fazer uma reunião na EPTC ainda em 2020, em plena pandemia, para tratar de um abaixo-assinado com mais de 700 assinaturas que a gente entregou, na época era o secretário, o antigo secretário. Então a gente teve essa mobilização da comunidade com mais de 700 assinaturas pela volta

dos alimentadores, e a justificativa principal, na época, das empresas de ônibus, era que era inviável os ônibus trafegarem por aquelas ruas esburacadas assim. Então, desde 2021, como tu me coloca, Tumelero, essa questão não foi resolvida, tem morador que está tendo que caminhar mais de um quilômetro, isso também já foi registrado pelos moradores, para conseguir acessar as vias principais. Além de o Rincão/Oscar Pereira, de o Belém Velho/São Francisco, de o Belém Velho/Cristal/UFRGS, de o Belém Velho/São Francisco/Rincão, que são as outras quatro linhas que alimentam a comunidade, também não terem horários depois das 18h, de uma em uma hora, isso é uma reclamação constante da comunidade, nos finais de semana também, em que o horário é reduzido. Então, são algumas questões que envolvem DMAE, que envolvem SMSUrb, que é o patrolamento, a manutenção das vias, que envolvem projeto pela Secretaria de Obras e Infraestrutura, e que vem, de anos aí, envolvendo a precarização do bairro Rincão e também quais são as alternativas que a gente pode construir junto tudo para viabilizar um transporte digno. Essa pauta está sendo construída junto com a Ver.^a Fran Rodrigues, que é moradora da comunidade, que também demandou esse espaço de articulação e de mobilização da comunidade. Eu vou passar para a Fran agora também trazer as suas questões e aí, depois, de praxe, a gente ouve o que os moradores têm a dizer e, depois, uma rodada de intervenção da governança, das secretarias e também a manifestação dos vereadores a qualquer momento pela inscrição.

VEREADORA FRAN RODRIGUES (PSOL): Bom dia a todos os presentes aqui nesta comissão; aos vereadores; aos convidados; a nós, moradores e moradoras que nos mobilizamos; ao Byl também, que em breve vai falar, porque tem que trabalhar. Até conversava ontem com a Karen sobre o horário. A comunidade poderia estar muito mais em peso, mas são trabalhadores que, neste momento, não conseguem estar presentes na comissão, mas que têm demandado, através dos grupos de WhatsApp que nós temos. A Karen também faz parte, porque é nossa aliada, no Belém Velho e no Rincão, nas lutas que a gente tem levantado. As chuvas que chegaram trouxeram várias demandas. As comunidades já são

precarizadas, mas, com a chegada das chuvas... Óbvio que tem uma questão da crise climática que a gente enfrenta, mas também dos descasos que as periferias enfrentam. Vocês vão ver nos vídeos como estava a situação das residências dos moradores. Eu não quero me estender porque, apesar de ser moradora, eu também cumpro um outro papel, que é ser vereadora-suplente. Então, eu gostaria que, além de mim, os moradores que têm as suas casas alagadas também falassem porque essa é a importância. Eu moro em uma rua onde as casas não alagam, pelo menos na altura ali onde eu moro, na São Lourenço. Seu Milton está aqui presente também, é um lutador da comunidade, mora na São Lourenço. Não é a situação da minha casa, mas eu entendo que o vereador não pode olhar só para o seu umbigo, para onde mora, para o local onde mora, para o seu bairro, não é, Karen? A gente tem que fazer a luta ativa pela cidade toda. Então, hoje, eu vinha conversando com a Dona Gorete e a gente estava falando sobre isso. Não é porque lá em São Lourenço não tem problema que o resto da comunidade vai ficar desprotegida. E o papel do vereador a gente sabe que é fiscalizar para que o Executivo faça. Então, a gente está fazendo esse papel aqui, nesta reunião, para que a gente tire daqui encaminhamentos de melhorias para a comunidade. É uma comunidade de muitos anos. Eu só tenho 24 anos e moro lá desde que nasci, mas tem moradores aqui que moram muito antes de eu nascer. Minha mãe mora lá há 28 anos, 27 anos. Então, tem moradores que moram há muito mais tempo e que sabem que lá é uma comunidade que tem uma luta ativa pelo transporte público. O asfalto, na avenida do Dalzatti, foi uma luta também, porque não tinha. Dentro da comunidade, tem algumas ruas com piche, uma dessas é a nossa, a São Lourenço, e a rua do colégio, que é a Honduras, e a Miguel Ângelo, se eu não me engano. O resto é tudo muito precarizado, principalmente as ruas da parte mais de baixo da comunidade. Então, a gente também tem que ver como que conversa sobre isso. Eu sei que teve, há pouco tempo, a reunião do Orçamento Participativo, mas a Câmara também é um espaço importante para que a gente faça esse tipo de articulação, de conversa, e que tire daqui encaminhamentos que sejam cumpridos. Vejam: trabalhadores estão aqui hoje, se deslocaram para

vir aqui ouvir, para vir falar sobre os nossos problemas da comunidade, e a gente sabe que não vai ser amanhã que vai estar tudo solucionado. A gente entende isso, é um processo de luta. Como a Karen falou, tem outras comunidades que estão o ano inteiro se mobilizando e que estão agora colhendo isso. Então, essa também é uma ideia nossa. Transporte público, a gente sabe. O Belém Velho já é longe pra caramba. Então, para chegar aqui, é sempre uma... Para chegar a qualquer lugar de trabalho, é sempre uma luta que a gente tem. Teve atos, Karen, que foram inclusive chamados pelo Alicerce, e a gente acabou se somando, eu acabei me somando também, e que a gente fez por conta do transporte público. Eu sei que tem linhas do 289 que foram ampliadas, porque eu vou consultar a linha do ônibus para poder me locomover. Então, eu sei. Se isso for levantado na reunião, eu tenho noção que foi modificado. Inclusive, agora, quem atende o Belém Velho, o 289, não é mais a Viva Sul. Agora trocou. Então, essa foi uma estranheza dos moradores também, porque agora o ônibus é aquele da linha verde. A gente está ciente disso, mas a gente precisa ampliar também as outras linhas e o horário, porque tem trabalhador que trabalha no *shopping* até ele fechar e têm, às vezes, muita dificuldade de voltar para a vila, muita dificuldade para voltar para a comunidade. Eu estou falando porque são demandas que foram surgindo nos nossos grupos, Raquel, grupos de moradores falando: “Oh, gente, minha casa está alagando”, “Oh, não tem ônibus. O que que aconteceu com o horário?” Então, essas são demandas da comunidade que estão expressas nas nossas representações aqui, mas principalmente na representação desses moradores, que – apesar de eu ser morador, eu cumpro dois papéis aqui – que vieram para falar com vocês. E a gente quer trazer isso para sair com lutas coletivas e soluções coletivas também, e agradecer aos vereadores que respeitaram a comissão e o deslocamento dos moradores até aqui e que participaram da comissão.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Obrigada, Ver.^a Fran. Estou recebendo um informe da assessoria que a gente tem alguns registros de

imagens e de vídeos. Eu acho que também ajuda a contextualizar e, depois, a gente passa para os moradores.

(Procede-se à apresentação.)

VEREADORA FRAN RODRIGUES (PSOL): Isso, essa é da comunidade. Como a gente chamou a comissão, não é, Karen? Do Belém Velho e do Rincão. O que acontece? No Rincão são 3 comunidades que englobam: a vila Mariante, onde nós moramos; a comunidade conhecida como Sapo, mas é a Carlos Muttoni; e tem a comunidade Esperança, que eu não recebi nenhum material. Mas é assim que a comunidade da Carlos Muttoni, a Sapo, fica quando chove. Lá não tem nenhum espaço com piche, não tem escoamento, não tem nada. Sobe perto do asfalto e fica muito precarizado. Toda vez, eles tiram fotos dessas ruas assim, e quando chove muito, numa proporção maior, fica nessa situação. Então, é importante, gurias, a gente levantar isso também porque os moradores foram avisados, mas não conseguiram estar presentes por serem trabalhadores e muitos são bem idosos.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Quero agradecer à comunidade pelos registros, eu acho que ajuda a mensurar o tamanho do problema que temos que enfrentar, e desde já pensar em possíveis soluções, e trazer as informações que os moradores estão requerendo. Registrar a presença do Ver. Jessé Sangalli, do Ver. Marcelo Sgarbossa, que são vereadores componentes desta comissão. Vamos passar, então, aos moradores.

SR. FABIANO GONÇALVES PINHEIRO: Bom dia a todos. Trabalho como motorista de aplicativo, já faz mais de 20 anos que eu moro na comunidade e sempre ouvindo promessas, entra governo, sai governo... Eu tenho demandas com suspensão e molas quebradas. Eu também alugo carro para aplicativo – a oficina é dentro da minha comunidade, pois eu prezo pela rotatividade dos ganhos ser na comunidade –, mas os meus motoristas simplesmente não

querem mais voltar para fazer a manutenção nos meus próprios veículos ali dentro. Porque quebra, porque é longe, porque se fica ilhado. Eu já fiquei sem poder sair para trabalhar, de não ter por onde, sendo que tem 3 saídas da comunidade, e eu simplesmente só poderia sair de bote, de barco. Então, é um descaso, sim, para a comunidade. Esses vídeos são pouca coisa, isso não é nada, pegaram os dias melhores para fazer os vídeos, as ruas não são aquilo ali. Esse arroio Salso, graças a Deus, nenhuma criança teve a infelicidade de cair dentro ainda, porque senão seria mais grave, não é Sr. Milton? O senhor é morador de lá também, como todos aqui. Então, eu peço a boa vontade, sei que todos aqui querem ajudar. Eu hoje não poderia estar aqui porque eu tenho muita coisa a fazer, só que atendi o pedido e não seria lógico eu não estar, porque preciso dessas respostas do poder público. Que venham dar uma olhadinha. Como eu falei, conheço ali, o senhor é filho do Melo, né? Sim, eu tenho gostado muito do governo do teu pai pelo que ele tem feito, pelo menos na parte de pavimentação, eu nunca vi nada igual. Não votei nele, mas hoje votaria com muito gosto. Enfim pessoal, eu não tenho muito o que falar, tem outras pessoas para falar, mas peço encarecidamente que vocês deem uma olhadinha para a nossa comunidade. Tem outras comunidades, como a Esperança, que é uma comunidade que veio bem depois da nossa, o posto de saúde é na frente, tem asfalto dentro da vila, tem uma creche... Falando em creche, a da irmã Raquel, não tiraram fotos da creche. Tem uma rica de uma creche da irmã Raquel, mas não tem como levar os filhos dos moradores para a creche, porque não tem como chegar na lá em dias de chuva. Da minha da minha parte é isso e acredito que outros moradores vão falar. Eu moro há mais de 20 anos, eu vi a Fran nascer...

VEREADOR JESSÉ SANGALLI (Cidadania): O senhor mora há 20 anos ali. Como é que foi o histórico dessas enchentes, elas têm aumentado ao longo do tempo, ou agora elas...

SR. FABIANO GONÇALVES PINHEIRO: Agravam.

VEREADOR JESSÉ SANGALI (Cidadania): O que aconteceu ao longo dos anos para se ter mais enchentes?

SR. FABIANO GONÇALVES PINHEIRO: Assim, vêm agravando. O Salso, para quem não conhece, ele vem lá da Restinga, aquela ponte que caiu é na Estrada do Rincão que liga ao Hospital da Restinga, para tu ter uma ideia, nós não temos acesso rápido. Para chegar ao Hospital da Restinga, nós teríamos que pegar Afonso Lourenço Mariante, Costa Gama, Edgar Pires de Castro, João Antônio da Silveira, sendo que, de onde eu moro até a Restinga, pela Estrada do Rincão, são 5 min. Se eu tiver um problema de saúde com um familiar meu, em que eu tiver que chegar no Hospital da Restinga, eu levo mais de 30 min, por fora. E aquela ponte que eles mostraram ali, que a água levou simplesmente, não tem, ela está bloqueada. Não tem acesso à Restinga pela Estrada do Rincão, tem que dar toda a volta.

Então, sim, vereador, tem agravado muito as enchentes. Como eu disse, não tiveram o dia especial de realmente tirar... Como eu disse assim, a gente fica ilhada, não tem por onde tu saíres de dentro da comunidade. Em dias de chuva, como a Fran e a Karen falaram, com muita extensão de água.

Da minha parte é isso, pessoal, vou passar a palavra, porque eu tenho horário, eu vim realmente dar o meu relato, é necessário como morador. Eu acho que a luta é de todos, eu vejo sempre Seu Milton lutando, como a Regina também e a própria Fran, porque a gente tem que solucionar esses problemas. É muito grave o que acontece com o descaso com a nossa população lá: saúde, saneamento, até o próprio patrolamento, infelizmente parece que eles têm um radar meteorológico, quando vai chover eles passam um dia antes. Infelizmente é isso. Agradeço por também tirar um pouco desse peso de cima de mim, como morador e ter contribuído de alguma forma para que, sim, vocês façam alguma coisa por nós lá. Muito obrigado.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, e agente te os encaminhamentos. Vamos seguir nessa batalha. A Sra. Dinara Fraga Del Rio está com a palavra.

SRA. DINARA FRAGA DEL RIO: Bom dia, eu sou a Dinara, moradora da rua Honduras Mariante, Belém Velho, Rincão. Primeiro, saudar esse espaço importante que, tanto a Ver.^a Karen quanto a Ver.^a Fran, colocaram, e agradecer também aos demais vereadores, a importância de nós podermos fazer esse debate e a importância desse espaço para que a gente possa estar apresentando as nossas questões. Nós sabemos que não somos os únicos, Mariante, Rincão, Belém Velho não é o único nesta cidade que está se agravando com os problemas da estrutura da cidade. Eu acho que já falamos bastante ou já demos uma demonstração do que está acontecendo com a questão das águas pluviais, que não têm um tratamento adequado pelo poder público.

Então eu acho que fica aqui, nos nossos registros, a importância de a gente, sim, fazer esse debate. É um debate que a gente poderia estar fazendo lá na comunidade, mas é importante que a gente traga aqui para Câmara de Vereadores para que os vereadores tenham a ciência, tenham a dimensão das dificuldades que as periferias estão passando. E aí, Karen, Fran e demais vereadores, não é só Belém Velho, Rincão, eu acho que isso é importante nós tratarmos, porque a gente não trata só da questão do umbigo; a gente trata de uma cidade em que a população tenha essas condições necessárias de moradia. E não é só a questão das águas pluviais, é o esgoto que não está completo lá, e se tem dado como completo, não tem esgoto canalizado. Algumas falas vão direcionar nisso, mas não existe. Eu até queria a andar um pouco mais, convidar uma comissão que possa estar passando lá, Karen, assim como tu passaste com outros vereadores, num outro momento, para ver a questão dos ônibus.

A questão dos ônibus, as alimentadoras, nós temos parada próxima à nossa casa, em frente de casa, tem uma parada, eu moro em frente à escola Luiz Gama, e lá tem uma parada, então está me direcionando, está me dando a

impressão, está me dando o pensamento de que o ônibus vai passar ali. Lá próximo da creche da Irmã Raquel, passa... essa questão da água, nós fizemos filmagens lá para mostrar como é que as mulheres e os homens também transitam ali quando tem a enchente, a água da chuva, as pessoas não estão conseguindo levar as crianças para creche, não estão conseguindo levar para o turno inverso, que é prestado pela. Gianelli. Então, não tem ônibus, tem um alagamento que as pessoas não conseguem chegar para levar as suas crianças, as pessoas que trabalham lá não estão conseguindo ir para o trabalho, as pessoas que moram lá não estão conseguindo sair para o seu trabalho na cidade. Nós estamos com uma dificuldade que é comum a todas as comunidades. Então acho que nós precisamos – nós, enquanto comunidade, e os vereadores – pensar qual é a cidade que nós queremos para viver. Eu não quero viver numa cidade em que aparece no jornal, na mídia: “alagamento”; “idoso não conseguiu sair de casa”; “mãe e pai não conseguiram levar a criança na escola”. Eu não quero uma cidade dessas, e acredito que os vereadores, que vocês também não queiram morar, residir, trabalhar, ter a sua vida funcional numa cidade caótica.

Quanto à questão da orla, está bonita e tudo mais, mas queremos o mesmo tratamento da orla para as comunidades, porque as comunidades não estão conseguindo vir na orla. Lá na nossa comunidade, nós não temos espaço de lazer para a gurizada, para juventude. Não vai ser escolinha de futebol, mas nós queremos uma praça, nós queremos um espaço onde a meninada, a garotada possa estar chutando a bola, porque essa é a ideia de sociedade que nós queremos, porque nós tivemos oportunidades, nós subimos nas árvores, nós chutamos a bola, entendem? A escola está num canto, a creche está num canto, então não tem espaço para essa juventude, para essas crianças terem o lazer. Tem a questão do ônibus, tem a questão do esgoto, tem a questão “lá vem asfalto”, no Orçamento Participativo, mas está todo truncado o Orçamento Participativo. Eu tenho que fazer essa crítica aqui, está truncado! Tem parte da comunidade que tem uma responsabilidade, mas tem uma parte do poder público que tem a outra responsabilidade, então nós precisamos juntar isso, ver

como é que a gente faz esse debate, e aí eu diria que não é só para a nossa comunidade, e sim para toda esta cidade. Eu não sei, eu não quero mais... Eu quero viver, não é que eu não quero, eu quero viver numa cidade em que eu possa desfrutar do lazer, das belezas naturais, do meio ambiente, tudo, e da forma que está não dá para ser. Tem que escoar do Mariante Rincão e dar continuidade para poder escoar para a outras comunidades. Não dá para ficar jogando as nossas águas para a comunidade que está próxima. E a outra questão é o assoreamento do rio Guaíba, que a gente sabe muito bem como é que é que se deu e que nós precisamos também fazer esse debate. Muito obrigada, um bom dia a todos.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Obrigada, Dinara. A Sra. Raquel está com a palavra.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Oi, gente, tudo bem? Eu moro mais para cima, eu não moro lá embaixo, na dificuldade, como o pessoal passa, mas eu acompanho muito porque os meus filhos ficam na creche ali para baixo. A minha questão são os ônibus. Os meus filhos estudam na Escola Vale Aranha, não é ali na comunidade, é um pouquinho mais longe, mas o certo seria eles pegarem o Escolar, que passaria na frente de onde eu trabalho, bem em frente ao meu salão, e levaria eles em frente à escola, mas quando a gente liga para a EPTC, eles dizem que o ônibus passa, que está certo o horário, só que o ônibus não passa; o ônibus passa do posto para baixo, e ele passa na frente da escola das minhas crianças, mas as minhas crianças não podem pegar ele, porque ele passa reto pela minha rua e não para para as crianças subirem. Então, quando eu liguei para a EPTC... E não foi somente eu, porque tem muitas famílias que os filhos estudam lá, eu tenho contato com bastante mães, tem muita gente que os filhos estudam na Vale Aranha por ser uma escola um pouquinho mais reforçada e as mães preferem colocar lá, mas isso não vem ao caso. Só que não tem um ônibus, então a gente está tendo que levar as crianças... Pegam um ônibus, descem no terminal e caminham um bom pedaço sozinhos. A minha filha

tem 13 anos e o outro o meu filho tem 8, eles caminham uma boa parte sozinhos, é uma lomba enorme que eles têm que subir na hora da saída, às 5h da tarde, e quando é inverno já é escuro, nesse horário já está escurecendo. Então, não tem. Esse ônibus, a gente liga, todas as mães já ligaram, eles dizem que passa, mas não ele não passa.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: O A28. Ele não para no Dalzatti. Antes ele entrava na Rua São Lourenço, descia a Rua São Lourenço, passava em frente à Escola Luiz Gama, porque tem a parada da Escola Luiz Gama, pegava as crianças da Escola Luiz Gama, subia a Rua Leonardo da Vinci e seguia embora; agora ele não faz mais isso, ele passa reto, ele nem para na frente do Dalzatti, ele sai, ele vai embora.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Tá, eu te passo direitinho porque, assim, quando eu liguei para lá, eu passei direitinho para ela, ela disse: “Não, mas a gente faz... Ele passa...” Não, ele não passa, ele não passa, porque hoje eu fiquei na parada, eu e várias mães, a gente já ficou na parada, e ele não passa. Ele passa, mas ele passa desligado e não para. A Fran também tocou num assunto que é muito importante, o pessoal que trabalha no Barra. Essa questão do Barra – eu trabalhei também no Barra por muito tempo; gente, chega das 10h da noite, e tu não podes pegar o Barra, tu tens que pegares o Cohab, descer no Zaffari, e do Zaffari, pegar o São Francisco para ir para casa, vocês têm noção? E eu chegava meia-noite em casa, saindo 10h da noite, é um absurdo; realmente, quem trabalha no Barra sofre muito com o Barra\UFRGS, sofre muito com esse ônibus. Também queria colocar assim sobre a questão, a gente fez um aniversário do buraco; para tu veres a situação que está nosso bairro, que a gente chega a fazer aniversário dos buracos, de tão precária que estão as coisas, até apareceu, a gente foi para o Balanço Geral, a gente cortou bolo,

cantou parabéns, porque é muito precário, o nosso bairro é muito largado, muito largado mesmo; a gente não tem uma pracinha; as crianças... A escola Luiz Gama chega a deixar o portão aberto no final de semana, porque as crianças entram para brincar, porque não tem, elas têm que brincar na rua, não tem uma pracinha, não tem um terreno; gente, não precisa ter gangorra, mas um terreno limpo, onde eles possam ter um momento de lazer, e não tem, não tem! O nosso bairro é muito abandonado nessa questão; a gente tem que sair para outros lugares, a gente tem que procurar outros meios para poder fazer uma atividade com as nossas crianças, porque não tem lugar para fazer. Também queria reforçar sobre a água, sobre os alagamentos. Assim, hoje uma amiga nossa iria vir, estava certo para ela comparecer à reunião, só que como choveu ontem à noite, hoje ela não conseguiu sair de casa, ela não conseguiu vir; ela tem um bebê, e a gente ligou para ela, tentamos entrar em contato perguntando se ela viria. “Olhas, gurias, eu queria muito estar lá para botar minha opinião, para mostrar, mas não tem como eu sair de casa, e o Uber não vai entrar na minha rua”. Agora não precisa mais aquele mundaréu de chuva para encher, um pouco de chuva que vem, já tranca as pessoas de saírem das suas casas. E isso está bem precário, porque dali sai doença, dali sai um monte de coisa. A gente tem uma comunidade lá embaixo, bem, assim, necessitada, sabe, bem necessitada mesmo, não são casas boas, são casas de madeira, são casas que, às vezes, não têm nem piso; aí pegar e entrar água, assim, perder o pouco que tem. A gente tenta apoiar mas é cada vez mais difícil. Então, se puder ter um pouquinho mais de atenção nisso, e sobre a questão do ônibus, dele retomar a entrar na vila, porque o ônibus escolar ia até lá embaixo, ele pegava as crianças na frente de casa, era bem mais seguro para nós, inclusive o ônibus alimentador era bem melhor, porque as pessoas são idosas, às vezes têm os filhos pequenos, têm que subir... Gente, tem que subir um pedaço. Eu pago R\$ 500,00 para levar meus filhos para creche, por quê? Porque eu tenho medo de eles subirem aquele lombão ao lado do mercado, sozinhos. É muito muita lomba, como é que vou deixá-los sozinhos? Então, assim, isso pesa, no meu bolso, demais; às vezes é dinheiro que eu poderia comprar alguma coisa para eles, e eu não tenho, eu

tenho que botar nisso daí porque é uma necessidade. Então, se puder ter uma atençãozinha melhor nisso, serei muito grata, assim como muitas famílias lá da vila também.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: No final da Rua África do Sul; a Samanta, ela..

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Isso, a Samanta mora bem para o final; Rua África do Sul...

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Pessoa, para as notas taquigráficas, a gente sempre pede que primeiro ouça as demandas, anota as questões; aí depois te apresenta e coloca as dúvidas e alguns encaminhamentos, porque para o registro das duas taquígrafas que estão ali, fica muito difícil elas pegarem conversas e trocas de ideias, assim; então, é mais para a gente tentar organizar depois para ter um material bom para utilizar como memória e como registro. Concluíste, Raquel?

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Sim, meu amor, obrigada.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Vou passar então para moradora Regina.

SRA. REGINA ABRAHÃO: Eu moro desde 2015 na Rua Zâmbia. Para as pessoas saberem, aqueles muros pichados que aparecem são da frente da minha casa; eu mesma que picho, bem bonitinho, do tipo: “vamos preservar o SUS. Vou começar respondendo a um vereador que estava aqui, perguntou se a gente nota o acirramento do alagamento. Sim, nós notamos; de uns dois ou

três anos para cá está acirrando. Não, mas assim, de uns dois ou três anos, a coisa pegou mais, e nós sabemos do aquecimento global, nós sabemos do desmatamento, inclusive do desmatamento do Parque da Harmonia. Tudo isso é reflexo. É um conjunto de ações, e quem acaba pagando somos nós, que moramos nas áreas mais pobres. Então, a minha nota de Uber sempre era 4,95, 5 e a minha nota de Uber hoje é 3,8. E o Byl, que é meu vizinho, me explicou o porquê: é por causa dos buracos da rua. Não tem como eu sair de casa de Uber. Eu chamo um, dois, três Uber, aí alguém aceita, porque a minha nota está baixa por causa dos buracos. Eu preferiria ir de ônibus. Eu já estou velha. Eu não precisaria pagar o ônibus, mas não dá, porque não tem ônibus. Então, na frente da minha casa, a água chegava antes até o pátio da vizinha que mora mais para baixo, agora, está tapando a frente na minha rua. Na minha casa não entra água, porque ela é aterrada. Eu subi bem o terreno, então não entra água na minha casa, mas, na casa da vizinha, como eu subi o meu terreno, a água vai toda e entra. Do lado da minha casa tem uma pessoa que perdeu os seus móveis, porque a água passou da altura do colchão daquelas camas box, subiu e tapou o colchão. Ela perdeu o refrigerador, ela perdeu até uma TV, porque a água subiu tudo. E ela tem um neto autista, que ela cria, e está muito difícil para ela sem TV. O gurizinho se acalmava muito assistindo a desenhos. Então, onde a gente mora não passa coleta do lixo seletivo, apesar de a Prefeitura dizer que passa; não tem ônibus; não tem transporte; não tem uma praça, como já foi falado aqui; o posto de saúde fica a uma hora e pouco de caminhada da minha casa. Eu sou hipertensa, se eu caminhar uma hora e pouco, acelerado, para chegar ao posto, eu não preciso parar lá, eu vou ter que parar em um hospital. Eu quero poder usar o SUS, que eu defendo. E aí? Tem uma comunidade mais para dentro, no final da rua México, que deve ter umas mil famílias, já comportava um posto de saúde ali; já tem moradores suficientes para ter um posto de saúde dentro dessa comunidade. Não tem. Eu acho que eu não vou usar os meus minutos todos. Daqui a pouco vai aparecer um vídeo em que eu estou brigando com meus cachorros, mostrando a água da chuva na frente da minha casa. Aí, tem gente que me diz assim: “É, mas nós não pagamos IPTU aqui”, mas nós pagamos, em

cada quilo de arroz e em cada papel higiênico, impostos, sim. Nós temos direito, sim. Então, ao vereador que é filho do prefeito, eu digo que eu gostaria de ter o mesmo tratamento que o Moinhos de Vento, que o Alto Petrópolis, que a Independência, que a 24 e o povo do Parcão tem, porque lá não falta água, lá não dá inundações, lá tem praça, tem um parque, tem saúde, tem tudo. Eu quero o mesmo tratamento, porque eu também sou humana, sou brasileira, e, segundo a lei, eu sou igual aos moradores do Parcão. Muito obrigada.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Dona Regina, obrigada pela intervenção. E agora, para concluir a intervenção dos moradores, queria chamar a Dona Gorete também para se manifestar.

SRA. MARIA GORETE ARRIOLA: Bom dia, o meu problema é o alagamento em Belém Velho. Começou a chover, eu já fico apavorada, porque o valão enche. Tem uma ponte que é meio pequena para suportar aquela água, ela não suporta. Aí, vem todo o lixo, tranca na ponte, aquela água vai invadindo, vai invadindo e chega tudo dentro da minha casa. Como apareceu ali agora a minha casa, nessa última vez, alagada. Tu pedes aos vizinhos e aos moradores ajudar a limpar e ninguém se importa. Agora consegui que a Prefeitura fosse lá. A gente batalhou, batalhou, a Prefeitura foi lá, abriu o valão, limpou tudo direitinho, mas já está sujo de novo. E a água que vai descendo – o valão tem dois troços redondos lá que eu não sei o nome daquilo – que a terra vai descendo, vai descendo, que já está só na metade. Isso quer dizer que aquilo ali não suporta descer toda a água. O que vai acontecendo: vai subindo a água, vai passando por cima do pontilhão e volta tudo para minha casa, para a casa das outras pessoas. Eu queria que, se pudesse dar uma olhadinha, vissem o que dá para fazer com aquilo ali. Outra coisa, esse negócio de esgoto, na rua México tem uma casa que não fizeram o esgoto cloacal, esse que tem no banheiro, essas coisas, que vai descendo tudo e veio para a minha casa. Quando o valão enche, que a água vem de lá, aquele resíduo daquela casa vem tudo para dentro do meu pátio. Fica uma podridão, uma sujeira horrível. Eu não sei para que lado eu vou: se eu tiro o lixo de lá de

cima que veio para o meu pátio ou se eu tiro a água de dentro de casa. E essa água toda ela vem, ela vai entrar para dentro da minha casa. O meu marido, nessa última vez que teve, ele foi parar na UPA com febre de 40 graus, com pegou leptospirose. Por quê? Por causa da enchente. E eu queria que desse uma olhadinha nisso aí. E outra coisa também é o transporte: eu moro lá embaixo, eu já estou com idade, e, para subir, até que dá para subir, porque tu sobes com as mãos vazias, mas quando tu voltas, tu não tens um carro ali para descer contigo, aí tu passas no mercado, passa no açougue, passa aqui e passa ali, e quando tu vais, tu desces com aquele monte de coisa, sacola e sacolas quando chega lá embaixo, chega cansado. Eu acho que se tivesse um ônibus, a gente se programava: olha, eu tenho ônibus tal horário, eu vou em tal lugar, vou pegar e vou descer, porque eu tenho um ônibus para descer. Mas não tem, não tem um Uber, não tem um táxi, não tem nada, a pessoa ali é, como é que eu vou dizer, assim é uma pessoa que sobe com a mão vazia e desce se arrastando. Só falta isso aí que eu queria que você desse uma olhadinha, se desse para dar uma olhadinha no valão, na água, nesses esgotos, e o transporte. E como ela falou ali, também a moça falou da saúde: se a gente tivesse um posto ali, porque às vezes a gente chega no postinho, esse que tem lá em cima, a gente chega lá e não tem médico, chega lá de manhã, fica uma hora, duas horas esperando lá, e aí a moça diz assim: “olha, hoje o médico não vem”. A gente fica esperando o médico e o médico não vem. Como eu tenho um marido que é já idoso, precisa de médico, não tem, e aí tem que fazer o quê? Ficar esperando, aí liga para lá e o médico não vem. Às vezes fica dois, três dias sem médico. Eu gostaria que isso aí fosse dada uma olhadinha também se fosse possível. Outra coisa também que eu gostaria, se fosse possível olhar, esses negócios assim de lixo, porque as pessoas estão largando muito lixo nas ruas. É muito lixo! O carro passa lá, o caminhão passa lá, tira o lixo, quando tu voltas, o lixo tá pior; o lixo parece que fazem de propósito. Será que não tem como resolver isso aí de lixo? Porque é brabo, às vezes tu passa na rua assim, tu vês assim aqueles lixos, os bichos caminhando, rato saindo da rua, dos lixos. Era isso aí que eu queria falar. Eu agradeço. Obrigada.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Obrigada, dona Gorete. Então nós ouvimos as representações das comunidades e agora eu vou passar para as representações do governo para trazer também o que tem de análise em relação a esses problemas, as causas e quais as iniciativas que estão sendo elaboradas nesse sentido. Eu organizei aqui então, questões de drenagem, de esgoto, desassoreamento, limpeza das bocas de lobo, e eu entendo que o Ricardo Araújo, gerente da distrital sul, e o Vladimir da Silva, que estão enquanto representações do DMAE possam nos ajudar nesse sentido. Como vocês estão vendo o problema dentro da região e quais as iniciativas, e quais as perspectivas para além das iniciativas que já existem, quais as outras perspectivas em relação a projeto mais estrutural de drenagem e de esgoto.

SR. RICARDO ARAÚJO: Bom dia, pessoal, eu sou Ricardo Araújo da gerência sul DMAE na área de manutenção de redes. Quero saudar todos os vereadores aqui, toda população, os moradores da região, e agradecer a oportunidade também de tentar explicar um pouquinho das dificuldades, porque também nós sofremos com essa dificuldade de poder atender da maneira que a gente gostaria em muitas situações. A questão que nós temos hoje prementemente de drenagem, começando a falar um pouquinho de drenagem, é uma falta de estrutura de macrodrenagem no bairro. Na verdade muitas ruas do bairro Afonso Mariante, ali do condomínio, tem redes cloacais para receber o esgoto, separador absoluto, só que drenagem nós não temos nada, drenagem é muito pouco, talvez tenha uma rua ou duas, e algumas situações de ruas em que há uma drenagem feita pelos próprios moradores, e naquelas situações que tem uma travessia para poder chegar em casa e etc., e nesse sentido, enquanto manutenção de redes pela nossa coordenação de pluvial e pela assessoria, pois o Vladimir anda bastante em campo para detectar essas dificuldades que nós temos de operação, a gente, paliativamente, tem atuado, à medida que as chuvas conseguem dar uma cessada, para a gente poder fazer essa limpeza paliativa, mas não são redes públicas consagradas, tem muitas questões que são essas travessias que moradores acabam fazendo numa maneira de tentar

melhorar a situação do local, e aí a gente tenta fazer essas opções mesmo nessas redes que não são da rede pública consagrada, e aí temos várias dificuldades em relação a isso, inclusive de lixo. A gente encontra muito lixo em redes, em bocas de lobo que porventura existam. Bem, então assim, a questão da drenagem é uma questão mais macro e nós, inclusive no DMAE, demandamos a área de projetos e planejamento porque nós sofremos com a reclamação do 156, chega direto para nós, para a gente organizar as nossas atuações. Eu sei que há um estudo, se eu não me engano, já teve algum levantamento topográfico sendo feito, para que isso seja levado adiante para um projeto. Pena que não tem ninguém da diretoria de planejamento aqui que pudesse falar melhor a respeito, mas a gente acompanha, porque, no dia a dia mesmo, nós somos os clientes internos. Como somos da área de manutenção de redes, a gente precisa dar manutenção naquilo que existe. Então, na macrodrenagem, se eu não tenho rede para cuidar, fica difícil. A gente não consegue chegar no final de uma rua, por exemplo, da África do Sul, que está alagada, ou seja, ali eu não tenho nem constituinte de sistema que vai levar essa água para um arroio. Ali, tem o Rincão e tem o Salsa. Então, em relação à drenagem, é uma questão mais macro. A gente precisa de planejamento, obras, orçamento e a gente sabe também que isso demanda valores altos de investimento em infraestrutura de drenagem. Então, a gente tem atuado muito paliativamente. À medida que as chuvas cessam, a gente tem feito algumas coisas dentro do possível. Até ontem, em relação a Carlos Muttoni, tinha uma equipe lá no Beco 7 fazendo limpeza, paliativamente, para tentar ajudar de alguma forma, porque, naquela comunidade da Carlos Muttoni mesmo, nós não temos nada de drenagem, nada, nada. Tem o arroio, que alaga. Então, nessa questão de drenagem, ela é mais específica, problemática, no sentido de falta realmente da infraestrutura adequada. Em relação à dragagem dos arroios, neste ano, a gente começou a fazer uma limpeza também nos diversos arroios da cidade. Ficou muito tempo sem se ter esse trabalho, sem ter um contrato que nos atendesse. Isso até porque, na verdade, a gente, enquanto DMAE, recebeu o DEP há quatro anos e a gente está aprendendo a trabalhar também com

drenagem que não era do nosso *know-how* de serviço. Ficou-se muito tempo sem ter essa disponibilidade de um contrato ou uma coordenação que fizesse o trabalho de dragagem dos arroios. Então, vocês podem entender que tem um passivo muito grande em relação a isso. Mesmo assim, está sendo feito um cronograma e um dos mais problemáticos realmente é o arroio do Salso. Ele é um arroio que capta muita água. Ele tem uma contribuição grande e atravessa vários bairros. Na Restinga, nós tivemos vários problemas mesmo já tendo feito também algum serviço de dragagem por ele, mas precisamos avançar nisso. Há um cronograma que está sendo cumprido, mas, lógico, com essa peculiaridade de chuvas que nós tivemos nesses últimos dois meses, que foi acima do esperado, não só o Salso transbordou, alagaram “n” ruas. Nós tivemos vários problemas com Capivara, Cavalhada, etc., porque a nossa região Sul e Extremo-Sul – só para dar uma ideia – é a maior da cidade que nós cuidamos ali na manutenção. Realmente, nós nos olhávamos e não sabíamos o que que nós íamos atender primeiro, porque foi assim: todos os arroios transbordaram e muitas ruas alagaram. Então, nesse passivo de alguns anos, uma hora chega a conta, não é? Então, agora a gente está trabalhando – correndo atrás da máquina, vamos dizer assim –, mas ainda tem muito a ser feito nessa questão da dragagem dos arroios. Em relação ao cloacal, como eu falei, tem várias ruas da comunidade que têm rede também não adequada em alguns locais, até porque, na hora que dá a chuva e na aquela ansiedade de a gente tentar resolver o problema, muito da água da chuva acaba entrando na rede cloacal, ou por levantamento de PVs, ou de tampas das caixas de calçada. Isso, em um primeiro momento, que deveria ajudar, na verdade, acaba atrapalhando porque, em algumas situações em que eu tenho uma soleira negativa de uma casa, que é abaixo da rua, esse esgoto vai retornar para a casa da pessoa. Mas é porque essa rede não é apropriada para isso, ela é apropriada para tratar o esgoto, mas, como o pessoal não tem drenagem, isso acaba trabalhando como um sistema misto e que não deveria. Basicamente, eu acho que é isso, pessoal. São os problemas estruturais os principais da região. Infelizmente, a gente demanda mais obras. Realmente. Dá até para a gente, na manutenção, sofrer menos e

poder atender melhor, porque são muitas demandas que a gente recebe no 156. A gente não consegue hoje dar conta na celeridade de que as pessoas precisam. A gente vai atender, mas não temos essa celeridade toda. Podem contar conosco. Vladimir é o nosso assessor da região, da manutenção. Está seguidamente em campo vendo as dificuldades e, para quaisquer outras dúvidas, eu estou sempre à disposição para responder a vocês.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, Ricardo. Dona Gorete, quer fazer uma intervenção? Dona Gorete, não quer anotar? A gente te dá uma folha de papel e aí a gente ouve todo mundo. (Manifestação fora do microfone.) Porque eu acho que daí tu poderias organizar todas as suas questões em drenagem, transporte, e a gente faz depois uma rodada. Sr. Vladimir, tu queres fazer uma manifestação? Por gentileza. A assessoria consegue um papel e uma caneta para a Dona Gorete para ela não perder a questão? Obrigada.

SR. VLADIMIR ZALUAR DA SILVA: Bom dia. Eu sou Vladimir, servidor do DMAE há quase 30 anos e faço assessoria na região. É muito importante que as informações cheguem para nós, porque nós trabalhamos motivados através do 156. Por exemplo, a senhora fez um relato de uma vizinha que não tem o esgotamento cloacal ligado de forma adequada, só que nós precisamos saber dessa informação, para poder atuar, notificando ou encaminhando para a Secretaria da Saúde.

A questão do arroio lá, que tem dois tubos, podem ir até a metade; também, para que nós possamos atender a gente precisa ser provocado. A gente precisa saber que esse problema está acontecendo, porque nós não temos pernas para fazer essa fiscalização. Depois da reunião eu vou deixar o meu contato, eu sou o assessor da região; e faz o 156 ou me manda um WhatsApp que a gente consegue verificar essa situação. Obrigado.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Obrigada, Vladimir. O Sr. Rogério Baú está com a palavra.

SR. ROGÉRIO BAÚ: Em relação a algumas questões trazidas aqui, eu acho que temos boas notícias. Estamos na fase de projeto para restabelecer a ponte do Rincão. A nossa expectativa é de que dentro do mês de novembro nós tenhamos a conclusão do projeto, com o seu custo com vistas a licitar a execução da obra, a partir do início do ano que vem. É uma questão bem concreta, foi relatado aqui pelo Byl, a importância dessa ponte do Rincão, no sentido de se economizar tempo – imagina, até para acessar o hospital. Então isso já é uma realidade dentro da Secretaria de Obras.

Uma outra questão também importante é em relação à Rua África do Sul, nós estamos na SMOI desenvolvendo o projeto, e eu preciso saber internamente lá, por que não a Rua Zâmbia, até porque elas são, digamos assim, contíguas. Então não tem sentido executar a Rua África do Sul e não executar a Rua Zâmbia. Isso fica um tema de casa aqui meu, no sentido de projeto da Rua África do Sul, projeto com arruamento, com microdrenagem, com passeio, com sinalização. Então é uma das ruas da comunidade Mariante; tem outras ruas que nós estamos projetando. E eu aqui me comprometo para trazer para a Ver.^a Karen, maior detalhamento de quais ruas, além da África do Sul. Mas me chama atenção, aqui, eu entrando em contato com o nosso técnico, por que a Rua Zâmbia não está nesse pacote. Então vamos atrás dessa informação, até porque tu não resolves apenas a drenagem só com a Rua África do Sul, são juntas. Então são aspectos importantes a serem trazidos aqui pela nossa secretaria.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, secretário adjunto, engenheiro Baú. É importante, a gente fazer esse registro sobre esse pedido de informação, sobre a execução dessas obras de microdrenagem, se já tem projeto, quais são os prazos. Aí a gente ajuda junto a fiscalizar e acompanhar o desenvolvimento. A gente faz muita questão. Vou passar a palavra para o Sr. Dilton Rodrigues de Martins, representante da Secretaria de Serviços Urbanos,

que está sempre junto conosco, para tratar do cronograma de manutenção do asfaltamento, da patrolagem das vias, a questão do bota-fora, como é que está essa divulgação, foi colocado também o problema do lixo, se tem alguma política de conscientização, que a gente possa construir junto com a comissão nesse sentido. Porque eu acho que tudo ajuda a amenizar, mitigar o problema, enquanto a gente não tem aí grandes políticas que incluam o bairro do Rincão dentro do orçamento do Município. O que tu tens a nos dizer?

SR. DILTON RODRIGUES DE MARTINS: Bom dia, eu agradeço novamente a oportunidade de estar presente aqui na CUTHAB, agradecer aos vereadores Marcelo, a Fran, a Karen, o Pablo Melo, demais colegas do Executivo e comunidade. Primeiramente, vereadora, o secretário Baú me informou ali questões sobre andamento de projetos, que na realidade, o problema maior naquela região é a falta de projeto de macrodrenagem, a pluvial ali que possa captar as águas da chuva, e é uma é uma área que vem lá de cima da Mariante. É uma bacia que chega lá embaixo e não tem como ter uma solução sem ser projetos muito custosos e importantes que a SMOI, junto com o DMAE e outros setores vão realizar, isso é importantíssimo. Eu participei algumas vezes com nosso prefeito Sebastião Melo, com outros vereadores também, o Ver. Pablo esteve presente algumas vezes também, onde foi solicitada essa questão, e a Secretaria de Obras já tinha se colocado à disposição, tinha visto e já tinha alguns andamentos para fazer, como o secretário Baú já relatou aqui. Infelizmente, com a falta desta drenagem, a Dona Gorete, Dona Dinara, a Regina Abrahão, Raquel, a pauta para nós é essa questão da possibilidade de a gente colocar o uma melhoria que seria o asfalto ou um outro tipo de pavimento na região, atualmente ali o pavimento é o pavimento primário que é ou o saibro ou aquele asfalto fresado que às vezes até piora, na realidade, uma situação, a gente vai mudando. A gente não tem como colocar o asfalto sem ter essa drenagem, como os nossos colegas do DMAE, Vladimir e o Ricardo, que já colocaram aqui, nos impede fazer esse tipo de serviço. Com isso a gente faz o que a gente pode que é a conservação permanente, que é o patrolamento, a

colocação desse material que a gente tem uma previsão de 40, 45 dias para fazer nas comunidades, vereadora. Eu tenho alguns relatos aqui que eu pedi para o nosso engenheiro responsável da região, tivemos serviços realizados ali na região desde o dia 21 de setembro até o dia 6 de outubro em diversas ruas, mas, infelizmente, quando a chuva cai, o serviço desaparece praticamente. Como não tem a drenagem, a água fica estagnada, o carro passa, o burquinho que é pequeno vai aumentando, aumentando, e 40 dias depois o buraco está gigante e daí causa todas essas questões que atrapalham toda a mobilidade urbana do cidadão. Então a Secretaria de Serviços Urbanos depende muito da dessa parte da drenagem, o DMAE e a SMSUrb trabalham sempre em conjunto, quando é possível realizar alguma micro-obra ali, os engenheiros fazem o que é possível, o DMAE é muito parceiro nesse sentido, a gente tem feito várias intervenções na Zona Sul, na Ponta Grossa, são locais que estão dando resultado, mas tem alguns locais que não tem como, precisam de uma super obra que é o que SMOI vai realizar.

Passando para parte do que a Raquel falou, sobre a falta de uma área de lazer na comunidade. Às vezes, quando a comunidade se forma, ela não tem uma previsão para isso, as pessoas vão construindo ali e tal, a Prefeitura depende muito da regularização dos espaços para poder fazer uma praça, uma área de lazer, às vezes os moradores fazem um campinho e a gente dá um alguma auxiliada, mas a gente não tem como dar um atendimento, colocar um brinquedo, um balanço, um campo de futebol mesmo, porque isso não está cadastrado na Prefeitura e a gente não tem como dar manutenção. Inicialmente a SMAMUS que faz o projeto, que cria praça, faz a implementação daquele espaço público, instala e depois disso a manutenção é por conta da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos. Então, como não existe nenhum espaço, a gente não tem como dar atuação, mas, evidente, a Câmara de Vereadores está aqui para buscar as soluções, a gente é sempre parceiro, o secretário da SMAMUS é parceiro, quando é possível criar algum espaço, a gente faz, a gente trabalha em conjunto. Estamos à disposição também.

A parte do DMLU, como a Dona Regina falou, sobre a questão de que às vezes não passa a coleta seletiva, eu não tive a resposta ainda da pessoa do DMLU, não foi chamado aqui na reunião, mas, como é da secretaria também, a gente já pediu uma informação para ele o porquê, se tem previsão de passar ali e por que que não está passando. Eu vou passar para a Ver.^a Fran sobre esses motivos, se não está passando, vamos cobrar essa passagem para evitar esse problema. Então, dito isso, eu queria agradecer novamente, vereadora, e estamos sempre à disposição da CUTHAB, dos vereadores, para dar todo atendimento à população.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, Dilton. Eu acho que a gente mapeia aquela área com a Secretaria de Habitação, o que é área verde, o que é área do município e onde é que seria um espaço interessante para instalação desse equipamento, uma cancha esportiva, uma praça. Eu acho que isso daí nada que a gente não converse entre a Secretaria da Habitação e depois paute, inclusive com emendas impositivas como a gente já fez em outros momentos para qualificar ali o espaço. É um trabalho que a gente vai ter que constituir junto, de dar uma caminhada ali na região e ir atrás também desse processo da regularização daquela área. Acho que a dignidade vai chegando também quando a gente vai tentando mapear todos os problemas e buscando os nossos direitos. Vou passar a palavra para o Sr. Flávio Tumelero, representante da Mobilidade Urbana. Não sei, Tumelero, se tu pegaste as quatro linhas principais que alimentam a comunidade e também a demanda dos alimentadores; são os horários das quatro linhas principais e também os alimentadores que, desde antes da pandemia, foram retirados.

SR. FLÁVIO ANTÔNIO TUMELERO JÚNIOR: Bom dia, sou o Flávio Tumelero, gerente de Planejamento de Transportes da EPTC. É sempre uma satisfação estar aqui e poder prestar esclarecimentos e dar o retorno para os vereadores e para a comunidade quanto ao nosso serviço. Eu queria só colocar rapidamente o que a gente tem feito. A Prefeitura tem feito um esforço muito grande para a

melhoria do serviço de transporte público. Desde o início da gestão, tivemos um aumento de oferta, claro que a gente vinha após um período de pandemia, mas tivemos um aumento de oferta na casa de 33% do serviço na cidade e no sistema como um todo. Desde o Mais Transporte, que iniciou no início de 2022, tivemos um aumento de mais de 20%, claro que isso casado com um forte investimento no sistema de transporte. A Prefeitura tem investido em torno de R\$ 100 milhões por ano, e este ano vai se confirmar de novo próximo a isso. A renovação de frota, aumento de oferta e principalmente a manutenção da tarifa em R\$ 4,80 – já estamos indo para o terceiro ano com a mesma tarifa –, isso demonstra claramente que temos prestado muita atenção no serviço de transporte. Na questão específica das linhas que atendem a região, na estrada Afonso Lourenço Mariante, são três principais linhas: a linha 289, que é a linha que vai diretamente ao centro; a linha 286, que vai em direção ao Barra; e a linha 284.3, que faz o atendimento até a Azenha, enfim, ela faz todo aquele eixo ali da Cavalhada, Nonoai e a própria Azenha até o terminal. Então ela também tem um atendimento bastante importante. A gente teve um grande aumento, a linha 286 praticamente dobrou sua oferta desde 2021. Também tivemos aumentos significativos na linha 289 e na linha 284.3. Há pouco tempo, teve a mudança do operador, fruto de um ajuste interno que a gente faz no sistema temporariamente, mas sempre também buscando o melhor atendimento do serviço. Dona Raquel, eu até gostaria de entender um pouquinho melhor algumas coisas, por exemplo, a linha 289, temos horários saindo do Barra – eu anotei aqui em algum lugar – às 22h35min e às 23h15min...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FLÁVIO ANTÔNIO TUMELERO JÚNIOR: Eu falei linha 289? Desculpa, é linha 286, saindo do Barra, nós temos horário às 22h35min e às 23h15min. Gostaria de saber... Um parêntese, a nossa assessoria comunitária está sempre de portas abertas. Fazemos todo o serviço de ajuste de sistema, se tem que empurrar um horário um pouco mais para frente, colocar um horário extra no fim

da operação por qualquer situação de alteração de horário seja escolar, de trabalho. Enfim, a gente está sempre de portas abertas e trabalha para melhor atender a oferta, mas precisamos entender exatamente qual horário precisamos mexer, alterar, mudar e melhorar. Então, esses são os dois últimos horários que temos ali, 22h35min e 23h15min, e eu queria só afinar um pouquinho essa informação, para podermos melhorar também. Nas outras duas linhas que eu falei, temos uma oferta um pouco menor do que a linha 286, mas também temos uma utilização um pouco melhor. Antes de vir para a reunião, eu avalei os relatórios de uso do serviço e, hoje, apesar de, após às 19 horas, a gente ter horários de hora em hora, temos um carregamento nas viagens adequado para a nossa oferta. É claro que procuramos sempre melhorar mais o serviço, mas focamos onde temos uma necessidade de aumento de oferta para fazer o atendimento dessa demanda. De novo, a gente está sempre aberto para, dentro das possibilidades, fazermos o atendimento e melhorar o serviço da cidade inteira, para as comunidades como um todo. Também uma informação importante é a questão do A28. Quais as ruas que ele não está atendendo, para eu poder aqui fazer uma fiscalização lá no local? Aonde ele passaria?

SRA. RAQUEL POLTREONIERI: Ele passaria ali no... Ele entra na Rua São Lourenço. Ele passava ali há anos, porque bem antes da pandemia, já não estava passando mais ali.

SR. FLÁVIO ANTÔNIO TUMELERO JÚNIOR: É dentro do loteamento Mariante?

SRA. RAQUEL POLTREONIERI: É. Ele entrava e passava ali 12h20min, mais ou menos esse horário, às 12h15min, aí ele pegava as crianças, e depois tinha um outro às 12h40min. Não tem nenhum dos dois. E aí ele ia até lá embaixo, tem as paradas lá embaixo na vila. E antigamente a rua era bem pior, hoje em dia a São Lourenço tem até asfalto, entendeu, não tem por que não passar mais lá embaixo.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: A questão do loteamento Mariante tem uma questão que eu não tinha entrado ainda nesse assunto, porque eu não tinha entendido que o problema da 28 era dentro do loteamento Mariante.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Mas ele não passa nem no Dalzatti. Quando ele passa ali em cima na principal, no mercado Dalzatti, ele já passa desligado, ele não pega ninguém, ele não pega as crianças lá em cima.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: É, isso eu vou verificar. A questão do loteamento Mariante, a gente já tem, se eu não me engano aqui, de cabeça, mais de 10 anos que a gente já não atende ali a região, e o motivo pelo qual a gente não atende é uma dificuldade muito grande da questão de infraestrutura, realmente. A gente tem diversos pareceres técnicos a respeito do atendimento...

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Mas quando a rua estava pior, passava, e agora que até está um pouquinho melhor onde passa o ônibus, não passa. É difícil de entender.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: Na verdade, a gente tem diversas avaliações técnicas ali, a gente ficou anos fazendo um atendimento ali numa situação que tecnicamente não era viável, tanto é que toda vez que chovia escorria água naquelas duas, tanto na São Lourenço quanto na Leonardo da Vinci.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Sim, quando ele descia...

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: Sim, abriam valetas e o ônibus não conseguia descer, então atendia três, quatro, cinco dias, depois passava mais uma semana sem atender e a gente ia lá e a gente enfim ficava tentando ajustar essa situação. A última vez em que eu estive lá fazendo, inclusive eu

posso marcar uma nova visita técnica e a gente fazer uma nova avaliação, mas a última vez que a gente esteve lá na região, a gente ainda não tinha condições de fazer o atendimento com um ônibus. O ônibus não é um caminhão, ainda bem, o ônibus evoluiu nos últimos 20 anos, principalmente, para poder dar mais conforto aos usuários e realmente ele não suporta o tráfego numa rua que não tem uma condição, ele precisa passar ali todos os dias, ele não ele não pode andar numa via que tenha buracos...

SRA. RAQUEL POLTREONIERI: Mas é aí que mora o problema porque, no caso, o alimentador pegava o pessoal lá embaixo e conseguia largar o pessoal perto do posto, e idoso conseguia pegar o ônibus ali, o alimentador, e parar perto do posto. Hoje não, hoje o idoso tem que subir um lombão lá em cima ou caminhar até outro posto, porque com os ônibus não dá. Porque daí tu desces na principal e tem que caminhar um pedaço até o posto também, porque que não é só da tua casa até lá em cima a parada, é da parada até um pedaço ao posto, entendeu? São duas partes bem longas para caminhar.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: Eu entendo, Raquel. O nosso serviço é fazer o atendimento de transporte público, e a gente, com todo o prazer, adoraria fazer o atendimento do transporte público.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: E eu faço esse questionamento porque eu sou representante do posto de saúde, então a gente recebe muita queixa sobre isso.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: Eu posso garantir para ti que a gente adoraria fazer o atendimento, mas se não tem condições de um ônibus passar na via, eu não tenho como fazer esse atendimento.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: É essa a questão que eu falei e volto a repetir: antes as ruas eram piores e passavam ônibus, por anos ali. Agora que está um pouquinho melhor, não passa.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: Mas não adianta estar um pouquinho melhor, tem que ter uma infraestrutura adequada. A gente e fez diversos pareceres, a gente recebe a comunidade, a gente conversa sobre isso diversas vezes, a gente tem que ter uma condição que permita a operação e que ela não seja interrompida, como sempre aconteceu. Na verdade, se passou a ter o atendimento ali de uma forma inadequada, o ônibus quebrava, o ônibus falhava, a gente não conseguia ter uma operação minimamente razoável ali, nunca a gente chegou a ter, até o momento em que a gente simplesmente não conseguiu mais entrar e se decidiu...

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: E aí simplesmente desligaram os ônibus, porque daí nem o escolar pega a criança e ninguém pega ninguém.

SR. FLÁVIO ANTONIO TUMELERO JÚNIOR: De novo, o nosso serviço é fazer o atendimento e a gente quer fazer o atendimento, só que a gente precisa ter uma condição adequada para fazer.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Exatamente, eu acho que tem uma questão de estrutura e infelizmente há mais de 20 anos a gente enfrenta esse descaso em relação às vias ali da comunidade, e a gente está há muito tempo sem enfrentar esses projetos de macrodrenagem que vão trazer qualidade de vida para todos, desde o acesso à creche até o acesso ao posto de saúde. O esforço hoje aqui para não te colocar nesse constrangimento de ter que vir novamente trazer as mesmas questões de que não tem como, porque não tem pavimentação, é a gente fazer esse registro, novamente estamos numa reunião institucional, trazendo os problemas do Rincão e como a gente consegue sair daqui com algum pacto mínimo. Até porque no final do ano agora a gente vai discutir a Lei Orçamentária Anual do ano de 2024, então todas essas obras, essas mudanças que devem ser feitas na rede têm que estar previstas no orçamento para além do debate do Orçamento Participativo, debater os R\$ 8 bilhões hoje que estão no caixa do Município e colocar isso – como colocou a

Regina – à disposição também dos bairros da periferia. Eu acho que é um pouco esse o exercício que a CUTHAB vem se propondo a fazer com a Ponta Grossa, com a comunidade da Mapa, com a comunidade do Rincão. As demandas, como a Dinara colocou, são as mesmas, mas a gente precisa enfrentar a discussão do orçamento e dos projetos. Tu colocaste, enquanto DMAE, a falta de engenheiros, a falta de corpo técnico também emperra de tu conseguir ter prazos e ter os projetos na velocidade que as comunidades estão demandando. Um governo tem quatro anos, mas elas estão passando por isso há décadas, então, precisamos estruturar, estruturar o DMAE, pensar o orçamento como prioridade para as nossas comunidades, eu acho que o caminho é esse. Tumelero, quer fazer mais alguma colocação?

SR. FLÁVIO ANTÔNIO TUMELERO JÚNIOR: Eu só queria reafirmar que a gente gostaria de atender. A gente entende, eu já estive lá no loteamento Mariante diversas vezes fazendo levantamento fotográfico, levantamento, enfim, largura de vias. A gente tem problemas lá, inclusive, de largura de vias, tipo, a entrada do loteamento tem uma rua, entre muros, de cinco metros de largura. É muito difícil tu fazer um atendimento, tu fazer uma infraestrutura com calçada, com pista, com sinalização. O que a gente vai fazer? Vamos proibir o estacionamento? As pessoas vão colocar seus carros onde? São questões muito complexas, eu acho que a gente tem que ter uma discussão ampla com a comunidade, porque não adianta se fazer todo um projeto que não contemple a necessidade geral de todos, mas a gente precisa evoluir nisso.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: Uma pergunta: tu viste sobre o escolar, se ele vai passar, pelo menos, na principal, para pegar as crianças que moram antes?

SR. FLÁVIO ANTÔNIO TUMELERO JÚNIOR: Eu vou avaliar isso. Hoje eu não o tenho passando ali. O A28, hoje, ele não chega até a frente do... Acabei de olhar aqui no itinerário, ele não chega até a frente do loteamento Mariante, mas a nossa equipe técnica vai avaliar como a gente vai fazer isso.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Pessoal, chegamos num momento da reunião em que a gente ouve as inscrições dos vereadores, e se tem alguma manifestação nova dos moradores em relação às informações que a gente teve. Eu estou tentando organizar alguns encaminhamentos, para a gente dar seguimento na constituição dessa memória, de tudo aquilo que a gente vem pautando, as respostas. Eu acho que, principalmente, fazer um retorno à comunidade, para que a gente consiga ter acesso a esses projetos, e também colocar aos moradores quais são os prazos, quais são os cronogramas. A Ver.^a Fran Rodrigues está com a palavra.

VEREADORA FRAN RODRIGUES (PSOL): Eu estava anotando algumas coisas das falas das representações, e eu vou falar de todas. Alguns retornos a gente teve, exceto o transporte público, não é para o servidor se sentir constrangido, não tem nada a ver com isso, é só para a gente conseguir encaminhar algumas coisas. A questão do DMLU, e daí só para ficar explicado, Regina, senão a gente vai criar uma confusão sobre. A Mariante, e eu queria propor, inclusive, de encaminhamento que a gente fizesse uma caminhada na comunidade com as representações. Eu acho que seria muito bacana, para a gente pensar locais da drenagem, pensar projetos, a questão do transporte público, fazer uma baita caminhada para pensar isso de forma coletiva, para a gente tirar de encaminhamento isso. Por que eu digo isso? Porque a Mariante, ela é extensa, ela é muito grande, ela tem cada vez mais crescido para dentro. Isso faz com que as necessidades da comunidade aumentem, isso que ainda não chegarem os moradores do Minha Casa, Minha Vida, que vão chegar na parte de cima, e vai piorar a situação do posto, do transporte público, porque tudo vai ser ampliado. Conforme a habitação vai aumentando, os serviços também têm que andar conforme a habitação aumenta. Eu anotei algumas coisas do DMLU para a gente entender. A Regina trouxe algumas questões sobre o DMLU. Para que não pareça que é o todo da coisa de que ele não passe em nada, algumas ruas, e não só da Mariante, eu já ouvi dizer que, se tem algum problema de acesso, a rua está com buraco, eles não querem entrar. Isso não é

uma reclamação dos trabalhadores, porque também tem uma dificuldade, mas eu acredito, Dinara, que tem que andar uma coisa colada na outra. O que quer dizer andar uma coisa colada na outra? Se a gente tem um problema de transporte público, a gente tem que solucionar a infraestrutura para o transporte público entrar. Eu entendo isso, mas, depois, eu quero colocar uma coisa que eu acho que a gente tinha que pensar de forma coletiva sobre o transporte. O lixo, então, tem um setor da Mariante, como eu disse, ela é muito extensa, nós moramos na entrada da Mariante, e ela vai para dentro: em algumas ruas, não está passando; em outras, ele passa. Nós precisamos cuidar dessas ruas que ele não passa, assim como o ônibus, porque, na época que eu estudava na escola, pelo menos, faz sentido que o escolar atenda onde tem escola, porque tem uma escola dentro da comunidade. Então ele deveria vir até a altura, pelo menos, de onde tem a escola, porque, senão, não faz sentido ser escolar, vamos ter que chamar de outra coisa, sei lá, de ônibus saúde porque vai até o posto, ônibus qualquer outra coisa, mas não escolar, porque não está atendendo a escola. Então, tem coisas que não está batendo. A questão do ônibus, então, eu queria ver, porque tem o 289, o 286 e o 284.3, que são os que atendem principalmente a Mariante, a Sapo e vem vindo da Mapa, o Barra vem vindo da UFRGS até o Barra e tudo mais. Tinha o A28, o A86 e o A84. O A86 cumpria o papel do 286 até a Otto; o A84, a mesma coisa, ia até Cavalhada, porque ele é uma alimentadora, cumpria esse papel em certos horários, ele não era fixo, em horários mais de pico, ele fazia esse trajeto. A minha pergunta é a seguinte: a gente pode fazer essa caminhada, dentro da comunidade, e ver a questão da infraestrutura? A gente poderia fazer essa caminhada juntos, e o senhor ia apontando quais são os problemas da comunidade, dizendo, por exemplo, aqui não passa, sei lá, porque o carro fica estacionado, as vias são mais curtas, por causa do muro, para gente ir pensando de forma coletiva. Eu acredito, se a gente conversasse com a comunidade, se for o problema dos carros, que também tem o problema da rua, de buraco e questão. Se for o problema dos carros, porque a gente sabe que os vizinhos estacionam os carros nas ruas, a gente poderia fazer uma conversa, por quê? A entrada do ônibus seria muito importante o A28,

eu estou falando do escolar, porque daí ele pegaria a questão da creche e da escola, ali naquela rua – estou falando desse transporte. Mas tinha o outro que ia até a México lá embaixo, porque os moradores da Vila Mariante que moram lá, sei lá, há 30 anos, 27 anos, eles não têm a idade da Fran, os moradores estão ficando, cada vez mais, espaçados da sua juventude. Então são moradores que vão ter dificuldade de subir a lomba, a nossa lomba é terrível, a da São Lourenço, e olha que eu tenho meu corpo de atleta, hein? E é difícil de subir aquela lomba. Agora, imagina as pessoas... A Dona Gorete hoje me falou: “Fran, eu tenho dificuldade de me locomover, porque eu estou idosa”. O transporte seria maravilhoso se voltasse a entrar, tem um problema de infraestrutura, eu já entendi, e só não entendi, como eu vejo que tem um problema de infraestrutura, eu estou todo dia lá dentro. Mas eu digo: como que nós precisamos solucionar? Porque não dá para a gente vir aqui: “Bah, não dá tipo, está difícil”. A gente tem que ver o que a gente faz: é projeto? Tem dinheiro parado, nós temos que mexer, porque a população está precisando – entendeu? – de coisas. Eu sei que não é assim fácil, não estou falando que hoje ou amanhã a gente vai estar com tudo pronto, mas como é que a gente faz de forma coletiva? Eu já falei para a Karen aqui, por mim, nós caminhamos dentro da Mariante; caminhamos, não é a gente vim aqui e falar os problemas, porque a gente sabe o problema que tem lá, tu também sabes, porque tu vais lá. Agora, vamos caminhar, de forma coletiva, todos as representações daqueles que podem fazer algo, para que a gente caminhe lá dentro e veja para tomar soluções referente a isso, porque o transporte é um problema muito grande, e seria ótimo se ele voltasse a entrar lá, a comunidade ia ficar muito contente. Eu acho que a gente pode fazer um diálogo com a comunidade, a comunidade vai ver a gente caminhando e vai se juntar, vai perguntar qual é o problema: “A gente tira o carro, como é que a gente soluciona?” Óbvio, a comunidade não pode botar asfalto, daí é competência do Executivo, não tem o que a gente fazer, mas a gente pode ir solucionando essas coisas. Eu gostei muito de saber que, no mês de novembro, ali dezembro, vamos espaçar um tempinho porque, se não for novembro, a gente vai ser cobrado, não é? Vai ter a conclusão do projeto da ponte, porque essa ponte é muito importante

para nós, como o morador disse. A gente faz um trabalho na comunidade Vida Nova, que é na Restinga, e ela liga, Karen, o Rincão, essa estrada de areião, com a Vida Nova. Então, tu passas por ali. E para chegar até o hospital, meu Deus, são cinco minutos mesmo, não é mentira, de carro a gente passa. Como vocês viram, tinham imagens ali da ponte, então, a gente já está levando também um retorno concreto, de que tem um projeto em andamento, de que, em novembro, a gente vai ter um retorno sobre isso. E é bom a gente sair o orçamento do projeto. A gente vai fazer os pedidos de informação também, para ver quando que – já passo a palavra para o senhor – vai indo, porque a gente vai ter que acompanhar – esse é o papel do vereador também, de fiscalizar. Só fiquei com uma dúvida sobre a drenagem da África do Sul e da Zâmbia. A África do Sul pega toda a extensão ali, ela vem lá da ponta, passa a Escócia, chega na África do Sul – estou tentando me alinhar aqui – e, depois, entra na Zâmbia, não é? Ela faz a volta, liga, de novo, a Zâmbia na África do Sul, assim, isso? Está, entendi o porquê que elas são as principais. Se a gente colocasse a drenagem em prática, por exemplo, o problema da Dona Gorete, que é da Coqueiros, que pega ali a questão da água da África do Sul, bah, já ia solucionar boa parte da comunidade ali, o problema da drenagem. A gente provavelmente não voltaria aqui tão cedo com algum problema sobre os alagamentos, porque ali, a Dona Gorete é na Coqueiros, que dá ligação na África do Sul; e a África do Sul liga na Zâmbia. Essa água da África do Sul é a água que invade atrás ali da casa da Dona Gorete, que entra na Escócia, que pega várias ruas ali. Então, eu estou contente de a gente ter esse retorno, óbvio que a gente vai ficar em cima para que tudo se concretize. A limpeza ali da Carlos Muttoni, eu vou dar um retorno para comunidade, que foi feita ontem, dia 23, não é? Foi a informação que eu tive aqui. E a gente vai seguir, então, Karen, isso. Mas eu queria, como um dos encaminhamentos, essa caminhada. Essa caminhada urgente, para que a gente aponte, dizendo, por exemplo: “Aqui, neste espaço, a gente poderia botar uma infraestrutura numa praça, um espaço de lazer” – conversar com os moradores – “Aqui é bom? Vamos fazer aqui, então”. Porque, senão, a gente trouxe vídeo e fica falando também daqui, mas a gente não está lá dentro. Lá dentro da

Mariante é muito maior do que a gente está falando aqui. Então, eu acho que seria bacana a gente pensar essas coisas. Desculpa me estender, gente, mas é porque eu queria colocar algumas coisas aqui que eu fui pegando.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Obrigada, Ver.^a Fran Rodrigues. Estou pegando as inscrições aqui. O Sr. Milton está com a palavra.

SR. MILTON BORGES BUENO: Só para colocar para a Dinara que todo loteamento tem rede de esgoto cloacal. O que não tem são alguns coletores de fundo; mas todas as ruas têm esgoto cloacal. Eu me arrependo até hoje de ter brigado para ter esse esgoto lá, porque está trazendo uma incomodação muito grande para mim e sobrecarrega o DMAE. Porque as pessoas abrem as caixinhas para se livrar da água da chuva – e eu não os culpo – e acaba entrando garrafa PET, pano, trapo, dinheiro, tudo que é coisa entra ali e termina entupindo a rede. Então, tem que ter um cuidado. Todo o loteamento tem rede de esgoto cloacal.

Engenheiro Baú, e a questão que o senhor falou da Rua Zâmbia, o senhor tem uns projetos lá e o senhor tem as ruas demandadas para pavimentação. Isso está lá com o senhor. Aliás, a Rua África do Sul, ela só foi parar até o Gianelli (Centro Social Antônio Gianelli) porque tem uma parte do loteamento, lá para a frente da África do Sul, que é ilegal, então não pôde continuar indo até a Estrada do Rincão; por isso que se foi até o Gianelli, se não, não iria até o Gianelli. Então, é bom colocar as coisas bem colocadas aqui, para ficarem bem claras as coisas que saem daqui. Porque estou vendo um monte de coisa que não está legal. Por exemplo, as ruas estão lá na sua Secretaria, o senhor tem as listas, eu tenho as listas, tivemos uma reunião acho que há menos de um mês, então a Rua África do Sul, lá no Gianelli, só foi contemplada porque tem uma parte da Rua África do Sul que é ilegal, que sai lá na Estrada do Rincão. E não pode entrar dinheiro público ali porque é ilegal. Então a Rua Zâmbia, numa parte ela vai ser até contemplada, porque sei lá se vocês vão querer botar uma rede lá, mas já sabem vão colocar uma rede com terra. Então, vamos ser bem claros. E outra coisa: o

riacho, as águas das chuvas, eu não sou criança, vocês não são crianças, são todos moradores de lá, tem que ensinar os moradores a não invadir os riachos. E os riachos estão todos invadidos. Então na parte da Dona Gorete – não é, Dona Gorete? –, conheço muito bem ali, o vizinho seu que tem o esgoto cloacal... Nós já tivemos um problema ali, e eu fui lá e resolvi com a senhora. Então...

SRA. MARIA GORETE ARRIOLA: (Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MILTON BORGES BUENO: Gente, eu só tenho um minuto, a senhora falou por dez minutos... Então, eu quero dizer o seguinte, eu quero o ônibus lá dentro, eu fiz parte da comissão do primeiro ônibus, lá em 2000, quando entrou a primeira rede, mas as ruas hoje não têm condições, viu, Raquel? Por mais que tu aches que estejam lambidas as ruas, elas continuam com as mesmas medidas, elas não foram alargadas, elas continuam a mesma coisa. E no final da Rua São Lourenço – dá uma caminhada lá – terminaram dois riachos e a água fica empossada em cima da rua. Então, a gente tem que ser capaz, porque nós estamos lidando com a vida das pessoas que estão dentro dos ônibus. Muito obrigado.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, Sr. Milton. Depois a gente faz uma rodada aqui também de retorno do poder público, dos secretários. Igual, eu estou pegando todos os encaminhamentos, esses pedidos de informação em relação às ruas que serão asfaltadas, os projetos de macrodrenagem, valores, tudo isso a gente quer ter registrado para podermos, depois, fazer o acompanhamento daquilo que está sendo colocado aqui. A gente sabe que é uma luta que demora, gurias e comunidade que está aqui presente, mas eu acho que o pior é deixar que o tempo nos derrote. Acho que quando a gente consegue ter essa pauta constante de pressão, de luta e de mobilização, tendo os registros, tendo a técnica do nosso lado, a gente consegue avançar na discussão da necessidade, principalmente na hora de pautar o orçamento. A Dinara está com a palavra.

SRA. DINARA FRAGA DEL RIO: Então, mais uma vez quero saudar aqui, eu acho que é importante esse exercício que a gente está fazendo de estar reunindo, vindo nós da comunidade, vindo a nossa representação de vereadores e vindo também a parte técnica do governo, porque nós precisamos alinhar esses nossos pensamentos. Lá na nossa comunidade tem representações e representações. Há pessoas que vêm com uma visão e não desmistifica... Chega aqui e atravessa todo um debate ou uma colocação, baseado em suposições e imaginação ou o que que é que eu quero, e não no coletivo. Então acho que é importante a gente colocar isso, colocar que é o coletivo que nos interessa. Por isso que nós viemos aqui na Câmara de Vereadores, com o poder público, para a gente alinhar essa nossa conversa que eu acho que é em relação a um debate a gente vai estar construindo. Então eu quero saudar de novo este espaço, mas dizer que essa visão privatista de governos – que aí é um outro debate que eu acho que a gente precisa também fazer, mas não é neste momento.

Eu estava aqui meio que viajando, que bom que o cargo de vereador não pode ser privatizado, embora tenha ideias privatistas nesse sentido. Mas o mais importante – aí é um outro debate – é que nós aqui estamos interessados, tanto o poder público – nas suas representações de departamentos – está interessado junto com a comunidade, junto com a representação de vereadores a dar solução para a situação em que se encontram as comunidades.

Então eu quero agradecer, mais uma vez, aos vereadores que estiveram presentes, estão neste debate, independentemente do que a gente esteja pensando, mas a gente quer, a comunidade quer uma construção de melhor vida para as pessoas que estão lá. Nós ainda estamos conseguindo chegar aqui, mas tem pessoas que não conseguiram chegar e não porque não queriam, não estão conseguindo chegar por conta da mobilidade que hoje está cada vez mais deficitária na cidade. Então, um pouco isso, muito obrigada. Eu acho que nós estamos de parabéns, quando a gente abre esse debate.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, Dinara. Vereador Pablo, teve só mais uma inscrição, que é a da Raquel; depois, eu passo para o

senhor, e a gente ouve as representações dos secretários. A Sra. Raquel está com a palavra.

SRA. RAQUEL POLTRONIERI: E queria pôr mais uma coisa assim: eu moro há 30 anos lá, eu tenho 30 anos e eu moro lá na comunidade desde sempre. Eu estudei no Luiz Gama, que antes era na igreja e agora é dentro da comunidade. Então os meus filhos estudavam no Luiz Gama, e eu os tirei dali por quê? Pela precariedade de professores. Por que nós temos uma grande precariedade de professores? Porque eles não têm como chegar à escola. Choveu, gente, não tem aula. “Ah, mas por que que não tem aula, é só chuva?” Não é só chuva, os professores têm que caminhar um pedaço até chegar à escola. Eu entendi, temos problema, não dá para colocar o ônibus, mas e agora como é que vai ser resolvido isso? Porque não é só a comunidade que é afetada, a educação das nossas crianças está sendo afetada, entendeu? Tudo está sendo afetado, não é só o grau de idoso, de mulher grávida, de pessoa que não tem uma perna, de pessoa caminhando; as nossas crianças! Imagina, eu tive que trocar meus filhos, colocar numa escola mais longe também com dificuldade de ônibus, mas, pelo menos, tem professor e eles têm aula. Tu entendeste? Só queria colocar mais essa situação que eu tinha esquecido de falar e estou passando para vocês.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, Raquel. O Ver. Pablo está com a palavra para fazer a sua colocação, e depois a gente ouve os secretários, porque também melhor... Então vamos encerrar com a fala da Gorete. A Gorete fala, a gente ouve o Ver. Pablo e, depois, a gente passa para que vocês respondam todas as questões, e a gente consiga ter um encerramento, pode ser? A Sra. Maria Gorete Arriola está com a palavra.

A SRA. MARIA GORETE ARRIOLA: Sobre o que o Sr. Milton estava falando da sujeira, a gente tem que orientar as pessoas. Mas só que está acontecendo o seguinte, as pessoas estão botando lixo, a gente está pedindo ajuda, e ninguém ajuda. Aquele valão lá faz uma curva, aí as pessoas botam o lixo lá, a gente vai

lá pede para alguém tirar, ninguém quer tirar; aquilo está acumulando. E, na México, tem uma casa que dizem que está tudo arrumado, só que o banheiro, a sujeira deles desce tudo e passa ao lado da minha casa. No verão, eu tenho que ficar com a casa fechada porque não dá para aguentar o fedor e as mosca. As moscas não são umas mosquinhas assim, são uns enormes de uns bichos batendo dentro da tua casa. Na hora que tu vais comer, tu tens que fechar a casa. Por que fizeram tudo e deixaram exatamente aquela casa correndo aquele lixo para dentro do valão, que é numa parte que não é o valão, o valão passa aqui, a rua vem de lá, e aquele lixo... Fica todo esgoto da pessoa ali, toda sujeira fica ali. A gente reclama, reclama e ninguém faz nada. E aí o Sr. Milton disse que está tudo arrumado, mas e aquele lixo da frente da minha casa? Porque a minha casa é aqui, a sujeira vem toda aqui para descer para ir para o valão, mas ele para na frente da minha casa; o esgoto todo de uma casa, um fedorão no verão que não dá para aguentar. E aí, quando chove a água vai lá, traz todo lixo para dentro do meu pátio. É isso que eu estou falando, e o Sr. Milton não estava entendendo.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. MARIA GORETE ARRIOLA: Já pedi, já falei, já reclamei, e não foi resolvido.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Para essas questões, gente, da fiscalização que é feita e das não feitas têm todo um protocolo que tem que ser feito quando o vizinho não tem a sua caixa de esgoto e de tratamento antes de ligar à rede. Então, isso daí é algo em que a gente precisa do número, do nome do morador, e a gente vai fazer essa fiscalização junto ao DMAE, que eu acho que é o órgão que fiscaliza correto? Perfeito. Então, gente, vamos ouvir o Ver. Pablo, que vai trazer também questões, análises e possibilidade de encaminhamentos para esses problemas, Pablo, e depois a gente ouve um retorno das representações das secretarias, por gentileza.

VEREADOR PABLO MELO (MDB): Em primeiro lugar, bom dia a todos e a todas, quero cumprimentar presidente Karen, Ver.^a Fran Rodrigues, acho que é uma pauta extremamente pertinente, Ver.^a Karen. Quero também cumprimentar a comunidade que está aqui presente, em especial, a Regina, a Raquel, a Gorete e a Dinara, que foram as representantes; o Milton também, que se manifestou. Quero dizer, presidente Karen, que inclusive eu discordo frontalmente do horário e do dia em que são as reuniões da CUTHAB, porque não há razão de ser de um mandato que não seja servir a população de Porto Alegre, do Lami ao Sarandi. Então, este horário e este dia, principalmente, o dia e horário, os dois juntos são péssimos para a população que quer vir à Câmara de Vereadores e participar dos debates. Acho que deveria ser... talvez o dia da semana se acerte, mas deveria ser depois das 18h, 19h da noite, exatamente, ou para que a população se locomova até a Câmara ou que os vereadores vão até a comunidade. Já tivemos algumas reuniões, enfim, na comunidade, mas eu acho que esse é um ajuste extremamente importante, e se for votado para o próximo ano, presidente, eu serei parceiro para a gente ajustar isso porque eu acho importante a presença da população.

Em segundo lugar, estou eu aqui dos vereadores da base do governo, quero dizer para vocês que, para mim, inimigo de político tem que ser a má gestão, a corrupção, o serviço mal realizado, ou o serviço não realizado e a não entrega. Aqui tem vereadores da oposição, estou eu aqui da situação e tenho o maior respeito, quero inclusive reconhecer e parabenizar a atuação das duas vereadoras, porque aqui inclusive, na Câmara, secretários municipais, diretores, há vereadores que são que nem abutres. E dou um exemplo prático disso: se tiver uma sinaleira ali na Av. Chuí com a Av. Diária de Notícias, se ela tiver estragada, tem vereador, infelizmente, que quer que aquela sinaleira continue estragada para que morra alguém para falar mal da do governo Melo ou do governo que seja de oposição. Então, eu quero reconhecer esse trabalho, porque são vereadoras de oposição, sim, ao governo atual, que fazem a crítica, mas sempre estão buscando soluções na cidade, dentro das quatro linhas,

republicanamente. Então, meus parabéns pela atuação, embora a gente respeite a divergência, e a divergência é da democracia.

Também quero dizer para vocês, que eu escutei aqui do governo privatista, enfim, e isso até um paradoxo, Ver.^a Karen e Ver.^a Fran, essa discussão da concessão do DMAE é uma discussão extremamente pertinente, importante, isso não pode ser uma discussão rasa, e eu acho até que os vereadores da oposição é que vão me convencer a votar a favor da concessão, porque aqui eu escutei críticas que vêm de 20, 30, 40, 50 anos de problema de drenagem na nossa cidade. E, aqueles que têm militância política no partido A, B ou C, eu respeito, isso faz parte da democracia, mas aqui a gente está fazendo um debate sério, então se esses problemas que existem há 20, 30, 40 anos não foram resolvidos até agora, e passaram absolutamente por todos os governos de todas as matizes ideológicas... O PT, junto com a sua frente política, até não existia o PSOL na época, enfim, mas muitas pessoas que eram do PT migraram para o PSOL, governaram por 16 anos esta cidade – 16 anos. Às vezes, quando alguns vereadores vão à tribuna me parece até que Porto Alegre virou a Suíça do mundo, eles têm solução para tudo, mas governaram por 16 anos, e os problemas continuam na nossa cidade. Passaram pelo governo Fortuna/Melo, é verdade, governo Marchezan, governo Fogaça... E vou dizer para vocês, aqueles que não descobriram isso, vai acabar o governo Melo e vai ter muito problema na cidade ainda, porque existem problemas históricos na nossa cidade e que não serão resolvidos no governo Melo, Marchezan, nos governos do PT. Então, é o seguinte, vocês tiveram, todos nós tivemos candidato a prefeito ou prefeita de Porto Alegre, não candidato a mágico.

Eu levantei essa discussão do DMAE, porque ela é importante, Ver.^a Karen, porque a concessão dará uma força de R\$ 3,7 bilhões em investimentos em macrodrenagem e saneamento da cidade, uma concessão de 35 anos. Por isso que eu digo que a gente não pode fazer generalização dessa discussão, porque se não foram feitos os investimentos durante todos esses anos, talvez a concessão possa dar os recursos para a gente melhorar a vida da cidade e conseqüentemente a vida das pessoas. Uma pauta tão importante e cara para

todos que dará dignidade principalmente para as pessoas nos lugares que mais precisam que são as comunidades mais carentes da nossa cidade. Quanto à questão que foi colocada aqui da praça, eu acho que foi a Raquel que falou, eu estou trabalhando, Ver.^a Fran, lá no Alpes do Pinheiro, se eu não me engano, na Parada 03, na regularização daquela comunidade, exatamente para... A demanda do Rincão não é diferente, lá da Vila Elisabeth, da Vila Minuano, da Vila Cachorro Sentado, e de todas as áreas das comunidades mais carentes e das áreas irregulares hoje na nossa cidade. Eu tenho trabalhado lá e acho que vocês têm que trabalhar no sentido de regularização, exatamente para pressionar o poder público a levar também equipamentos públicos lá para aquela região.

Eu estava falando também, fiz parte do governo Sartori, da Metroplan, que tem projetos aqui de ordem metropolitana, que é órgão do governo estadual, Ver.^a Karen, que trabalha projetos para a região metropolitana, e eu quero dar um exemplo, porque, quando a gente traz para a vida real e não para o discurso fácil, a gente vê que a realidade nós queremos enfrentar, mas a gente tem que entender. Eu quero inclusive convidar os vereadores da oposição que hoje são situação no governo federal, eu acho que os vereadores da oposição que têm responsabilidade e seriedade para tratar desse debate, tem que tratar a nível federal, porque eu vou dar o exemplo dessa questão de drenagem, que, quando chove, alaga. Eu sempre falo que o expoente em Porto Alegre, de quando tem alagamento, é lá no Túnel Verde, ali na Hípica, e sempre que sai no jornal, na Zero Hora, no Correio, no Diário Gaúcho, enfim, e, na África do Sul, na Zâmbia, não é diferente. Em tantos outros bairros da cidade não é diferente, mas, no projeto, por exemplo, da Metroplan, uma obra de macrodrenagem, para deixar de alagar ali no Arroio Feijó, a Metroplan tem esse estudo, desde a época lá de 2015, 2016, quando trabalhei lá. Só para resolver a obra na Zona Norte da cidade é R\$ 5 bilhões, R\$ 5 bilhões para resolver lá. Na FIERGS está tudo alagado quando chove, quando tem chuva forte, não é Ver.^a Fran, chuvas que se estendem.

Então, o que eu quero dizer é o seguinte: o orçamento de Porto Alegre é de R\$ 11 bilhões, só vai ser resolvido o problema de drenagem na nossa cidade, no sentido macro, se tiver investimento do governo federal, seja ele qual for. Não é de matriz ideológica de direita, de centro, porque o governo que quiser ajudar a resolver, vamos falar o português muito claro, é botar dinheiro, é fazer investimento, esse problema não será resolvido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, seja o governo qual for.

Quem vê números, sabe a verdade, Baú. Então, eu quero também colocar aqui, Ver.^a Karen, para finalizar a minha participação, eu vou dar aqui, Tumelero, por exemplo, o que a Raquel está falando para mim, nós temos que ver com muita atenção. Eu fiz uma reunião com 70 moradores, antes da pandemia, lá na Hípica, passava o ônibus por toda a Jorge Pereira Nunes. Quando começou a pandemia, até pelo número de usuários, caiu até a metade a linha da Jorge Pereira Nunes, e, agora, os moradores estão cobrando a volta da linha por toda a extensão. Eu acho que têm reajustes que têm que serem feitos na cidade por parte da EPTC, reajustes pós-pandemia, pois a pandemia causou esse desarranjo, e agora nós temos que focar nesse realinhamento das linhas, que, durante a pandemia, se entendeu, não precisava ter toda a sua extensão, mas, agora, foi retomada uma devida normalidade. Então, acho que é fundamental essa questão de o ônibus passar lá na frente, Tumelero, do posto de saúde, se houver, naturalmente, essa questão de infraestrutura, para que seja feita.

Quero dizer para vocês que, por parte do governo, nas próximas semanas, está prevista a dragagem do Arroio Rincão. Eu não sei se... Em um mês, no máximo, vai ser feita a dragagem, o prefeito esteve lá no Mais Comunidade, e a limpeza das valas são feitas periodicamente com o pedido do 156. Quero, também, ratificar esse pedido aqui da Ver.^a Karen e da Ver.^a Fran para que vocês usem, o pessoal da comunidade, o 156, insistam. O governo e o feijão só funcionam na pressão. Como eu falei, as demandas de vocês têm em toda a cidade. Se não se fizer ouvir, pode ficar para trás da fila. É, então, importante essa pressão da comunidade em cima dos governos, sejam eles quais forem, ratifico isso.

E a questão do lixo, para finalizar, quero dizer para vocês que a Prefeitura de Porto Alegre, hoje, gasta mais de R\$ 2 milhões, R\$ 3 milhões para combater mais de 300, 400 focos de lixo. É dinheiro público colocado literalmente na lata do lixo. Então, essa questão da conscientização, como disse a Ver.^a Karen, é fundamental. O lixo não cai do céu, eu sei que a Prefeitura tem as suas responsabilidades, mas o cidadão e a cidadã também têm, então, o descarte adequado do lixo, essa questão... Até onde eu sei, cobrei aqui do Dilton, Ver.^a Fran, a coleta do lixo de toda a cidade está contemplada, mas podem haver erros, equívocos, e ajustes a serem feitos. Para ver como é importante a presença da comunidade. Talvez esses ajustes, Dona Gorete, onde a senhora mesmo colocou, que não passa o lixo na rua A, rua B, se não chegasse ao agente público, talvez a senhora continuasse com esse problema por muitos e muitos anos – ou muitos meses, enfim. Com a sua presença aqui, ou a presença dos vereadores na comunidade, já deixo o pedido, me somando às vereadoras, para que essas ruas que não estão contempladas, Dilton, com a coleta de lixo, sejam contempladas. É importante isso ser colocado.

De minha parte, deixo dito que o meu gabinete está à disposição, como eu disse, me somo às vereadoras e aos vereadores para que a gente ache soluções no mundo real, não existe solução mágica na gestão pública, me somo para que, se precisar também algum dinheiro... Karen, quero te deixar outra sugestão, já te deixei da questão das reuniões, mas acho que os vereadores da CUTHAB daqui a pouco, possam se cotizar nas emendas parlamentares para que a gente possa resolver o problema de uma ou duas regiões da cidade, não sei qual seria o valor. É uma proposta que fica sobre a mesa, mesmo que seja rejeitada, porque esses problemas, reunião após reunião, comunidade após comunidade vêm aqui justamente, diga-se de passagem, reclamar dos problemas que possuem historicamente em suas comunidades. Eu acho que também é uma das formas de a gente dar uma resposta efetiva na vida real das pessoas. Bom dia a todos e estamos à disposição.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Muito obrigada, Ver. Pablo. Só para registrar que as funções da drenagem da cidade foram incorporadas ao DMAE a partir de 2019, e o ex-prefeito da cidade inclusive está sendo multado por ter efetuado uma política de desmonte de um departamento municipal, uma das consequências é não ter concurso público, então hoje faltam projetistas, técnicos, a terceirização é a regra, e fiscalizar a terceirização é um trabalho difícil, normalmente vêm as denúncias, a gente não consegue acompanhar, e o DMAE hoje é superavitário, garante mais de 95% do atendimento da água da nossa cidade, é um patrimônio da nossa cidade, os técnicos vieram aqui nesta comissão, trouxeram estudos colocando a necessidade da manutenção dele público. E sobre a questão dos financiamentos, tem financiamento do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, que é inclusive destinado para cidades que mantêm os seus departamentos públicos, porque a gente quer investir recurso público, mas não para a lógica do lucro. É importante também colocar que a tarifa social do Departamento Municipal de Água e Esgotos atende 38 mil residências da nossa cidade. Os dados estão colocados: mais de 10 mil quilômetros de rede, estações de tratamento, de bombeamento de água bruta, de água tratada, reservatórios; eu acho que essa é uma discussão fundamental, tem que ter audiência pública, uma audiência pública para, de fato, ter síntese, não só para oficializar a aprovação do projeto, e chamar a população para discutir quais são os caminhos do orçamento da cidade, porque são R\$ 11 bilhões, é inadmissível a gente ter mais recurso alocado na publicidade do gabinete do prefeito do que recurso destinado para o Orçamento Participativo, como aconteceu nesta cidade no ano de 2021 e no ano de 2022. São essas as contradições que levam a uma precarização e que a gente tem capacidade, sim, de resolver. Enviem um projeto de lei para a Câmara de Vereadores para que tenha concurso público para os trabalhadores do DMAE, não contrato emergencial como a gente aprovou há duas semanas, como se os problemas de falta de engenheiro fossem uma questão emergencial. É uma questão estrutural, os trabalhadores vieram aqui e colocaram: “Vereadores da CUTHAB, a gente está trabalhando com déficit de quase 70% de pessoal, se não tiver concurso

público em 2024 vai colapsar, vai faltar água, como faltou no Morro da Cruz, vai faltar água novamente nas regiões periféricas”. Eles estão anunciando o problema e estão nos trazendo soluções! Essa ânsia, essa gana de privatizar tem que ser justificada com números, com dados, com estudos, e podendo também ouvir a contrapartida dos trabalhadores. Eu acho que um bom caminho já seria tirar as indicações de CC, de cargo comissionado, para as direções dos departamentos, eu acho que quem tem que decidir os rumos do departamento junto com a população e os conselhos é a própria base de trabalhadores, porque a gente percebe que, nessa lógica da precarização da coisa pública, o cargo comissionado acaba executando uma política de muitos governos que não têm esse compromisso de garantir a dignidade, pelo contrário, quer mais é precarizar para disputar a opinião pública, para depois dar para os amigos empresários. Essa lógica a gente já viu na Carris, a gente viu na Corsan, a gente viu na CEEE-Equatorial – tu estás acompanhando, Pablo, e tu sabes que está uma situação muito ruim com a privatização. O controle da coisa pública simplesmente se desfez, e é importante a gente conseguir usar da Câmara de Vereadores para enfrentar esses grandes debates.

VEREADOR PABLO MELO (MDB): Eu respeito o contraditório, não tenho nenhum problema.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Isso aí, vamos usar essa reunião...

VEREADOR PABLO MELO (MDB): Eu respeito o contraditório! Eu não concordo absolutamente com nada que a Karen falou, mas eu respeito.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): É isso. Vou passar para os secretários e para os representantes. Quer iniciar, Tumelero? Claro. Por gentileza, e aí a gente vai para os nossos encaminhamentos na sequência.

SR. FLÁVIO ANTÔNIO TUMELERO JÚNIOR: Raquel, entra essa semana e a semana que vem, focando muito na questão do alimentador, nós vamos fazer um teste lá com ônibus e vamos ver as dificuldades que a gente vai ter lá de circulação. Eu acho que é um avanço que a gente vai fazer e, bom, se a gente tiver condições de fazer o atendimento a gente vai fazer.

SR. ROGÉRIO BAÚ: O retorno para a Sra. Regina, em relação à ponte do Rincão, em novembro é o projeto detalhado com o seu orçamento, ou seja, é definindo o custo de execução da obra, com o orçamento, porque somente com a peça técnica descrita e especificada e mais o orçamento que nós poderemos enviar para licitação. Em relação ao Sr. Milton, com muita transparência, nós passaremos, aqui para a CUTHAB, a lista de projetos do loteamento Mariante, ali inclui a rua África do Sul e outras que eu não tenho aqui de cabeça, mas eu vou passar então para a CUTHAB essa lista.

SR. DILTON RODRIGUES DE MARTINS: Para finalizar, agradecer a todos, novamente, por esse convite, e o que ficou, para finalizar aqui, vereadora, foi a questão que a Dona Regina Abrahão tinha falado sobre o lixo seletivo, eu falei com a responsável ali do DMLU, ela vai fazer uma vistoria, uma avaliação do que que está acontecendo, e, assim que ela tiver, vai me dar a resposta e eu passo aqui para a CUTHAB, para informar o motivo por que não está sendo passado ali. De restante, a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos está sempre à disposição, qualquer questão pode falar com os vereadores ou até conosco na central de atendimento, com o secretário Marcos Felipi, com o secretário Vitorino, que hoje não está aqui presente por que ele estava com a garganta arrebatada, então ele me pediu para fazer essa substituição, que eu fico muito contente de fazer. Muito obrigado.

SR. RICARDO ARAÚJO: Pessoal, agradecer mais uma vez a oportunidade, falando pela área de manutenção de redes aqui do DMAE. O Vladimir vai entrar em contato com a senhora para pegar, passar o telefone para a gente ver essa

situação, isso aí é uma situação de operação, a gente tem condição de ver, e vou fiscalizar o que aconteceu com o seu vizinho, se ele está ligado de forma errada, a gente vai dar um jeito. Peço que nos demandem pelo 156, a manutenção, as demandas, chegam pelo um 156. Até para dar um exemplo, às vezes, para a gente fazer um entendimento, eu recebo muitas demandas direto no meu telefone, enquanto gerente, meus coordenadores também recebem direto, uma reclamação típica: “Dez dias, buraco aberto, ninguém fez nada...” A gente vai fazer uma pesquisa no 156 e não tem o registro, aí a gente não é onipresente na cidade para ver todos os buracos e saber o que que é nosso e o que que não é. Então nos demandem. O Vladimir vai passar o contato aqui da assessoria. Agradeço, mais uma vez, as colocações de vocês. Nós também ansiamos pelas soluções, porque também ficamos angustiados quando chegamos numa frente de trabalho para fazer uma desobstrução e aí às vezes nós não conseguimos, porque está muito precária a situação, pela falta de estrutura. Eu acho que daqui dá para tirar, realmente, frente essas discussões em relação ao orçamento e projetos, porque, na verdade, envolvem as secretarias. O DMAE entra com a macrodrenagem, a DCVU entra com o asfaltamento. Mas o importante é a gente ter essa ideia de que a gente precisa pensar juntos para poder avançar, que é isso que a gente, enquanto gestão, gostaria que tudo fosse bem resolvido. Muito obrigado.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Nós que agradecemos a presença da comunidade, a presença das representações das secretarias, fica de encaminhamento então, e aí a gente vê com a nossa agenda, Ver.^a Fran, com a assessoria da CUTHAB, quando vai ser essa caminhada dentro da comunidade, um retorno da comissão diretamente lá na comunidade, que é também uma forma de a gente levar a estrutura da Câmara. Vamos ver o próximo dia que a gente vai ter a TVCâmara fazendo os registros para levar para a comunidade todo esse equipamento público para também dar visibilidade aos problemas. Até lá, a gente já espera ter esses retornos a esses pedidos de informação, já vamos ver se vai ter condições ou não da volta do ônibus escolar, e acho que a gente

consegue, nessa reunião, avançar em algumas questões, mas vamos seguir unidos, vigilantes, denunciando os problemas no 156, nas redes sociais, porque eu acho que a disputa da opinião pública acelera as decisões, principalmente aqui dentro desta Casa. Então vamos usar dessa experiência aí que o nosso povo tem e vamos seguir na luta de cabeça erguida pelos nossos direitos. Agradeço a presença de todos. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 12h25min.)

TEXTO SEM REVISÃO